TRATADO DE PSICOLOGIA REVOLUCIONÁRIA

SAMAEL AUN WEOR

Índice

Capítulo I

O Nível do Ser

Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Para que vivemos? Por que vivemos?…

Inquestionavelmente, o pobre “Animal Intelectual” equivocadamente chamado homem não só não sabe, como também nem sequer sabe que não sabe…

O pior de tudo é a situação tão difícil e tão estranha em que nos encontramos; ignoramos o segredo de todas as nossas tragédias e no entanto estamos convencidos de que sabemos tudo…

Leve-se um “Mamífero Racional”, uma pessoa dessas que na vida presume-se de influente, ao centro do deserto do SAARA; deixe-o ali longe que qualquer Oásis, e observe-se desde uma nave aérea tudo o que sucede…

Os fatos falarão por si mesmos; o “Humanoide Intelectual”, ainda que se presuma forte e crendo-se muito homem, no fundo resulta espantosamente débil…

O “Animal Racional” é tonto em cem por cento; pensa de si mesmo o melhor; crê que pode desenvolver-se maravilhosamente mediante o JARDIM DE INFÂNCIA, Manuais de Etiqueta, Escolas Primárias, Secundárias, Bacharelato, Universidade, o bom prestígio do papai, etc., etc., etc.

Desafortunadamente, detrás de tantas letras e bons modos, títulos e dinheiro, bem sabemos que qualquer dor de estômago nos entristece e que no fundo continuamos sendo infelizes e miseráveis…

Basta ler a História Universal para saber que somos os mesmos bárbaros de outrora e que em vez de melhorar nos tornamos piores…

Este século XX com toda sua espetacularidade, guerras, prostituição, sodomia mundial, degeneração sexual, drogas, álcool, crueldade exorbitante, perversidade extrema, monstruosidade, etc., etc., etc., é o espelho no qual devemos nos olhar. Não existe, pois, razão de peso para nos jactarmos de haver chegado a uma etapa superior de desenvolvimento…

Pensar que o tempo significa progresso é absurdo. Desgraçadamente, os "ignorantes ilustrados" continuam embotelhados no "Dogma da Evolução"…

Em todos as páginas negras da "Negra História", achamos sempre as mesmas horrorosas crueldades, ambições, guerras, etc.

Não obstante, nossos contemporâneos "Supercivilizados" estão todavia convencidos de que isso da Guerra é algo secundário, um acidente passageiro que nada tem a ver com a sua tão cacarejada "Civilização Moderna".

Certamente, o que importa é o modo de ser de cada pessoa. Alguns sujeitos serão bêbados, outros abstêmios; aqueles honrados e estes outros sem vergonhas; de tudo há na vida…

A massa é a soma dos indivíduos; o que é o indivíduo, é a massa, é o Governo, etc.

A massa é, pois, a extensão do indivíduo. Não é possível a transformação das massas, dos povos, se o indivíduo, se cada pessoa, não se transforma…

Ninguém pode negar que existam distintos níveis sociais; há pessoas de

igreja e de prostíbulo, de comércio e de campo, etc., etc., etc. Assim também existem distintos Níveis do Ser. O que internamente somos — esplêndidos ou mesquinhos, generosos ou sovinas, violentos ou pacíficos, castos ou luxuriosos — atrai as diversas circunstâncias da vida…

Um luxurioso atrairá sempre cenas, dramas e até tragédias de lascívia nas quais se verá envolvido…

Um bêbado atrairá os bêbados e se verá metido sempre em bares e botecos, isso é óbvio…

Que atrairá o usurário, o egoísta? Quantos problemas, prisões, desgraças?

Entretanto, a pessoa amargurada, cansada de sofrer, tem gana de mudar, de virar a página de sua história…

Pobres gentes! Querem mudar e não sabem como, não conhecem o procedimento, estão metidas num beco sem saída…

O que lhes sucedeu ontem, lhes sucede hoje, e lhes sucederá amanhã; repetem sempre os mesmos erros e não aprendem as lições da vida nem a canhonaços…

Todas as coisas se repetem em sua própria vida; dizem as mesmas coisas, fazem as mesmas coisas, lamentam as mesmas coisas...

Essa repetição aborrecedora de dramas, comédias e tragédias continuará enquanto carreguemos em nosso interior os elementos indesejados da Ira, Cobiça, Luxúria, Inveja, Orgulho, Preguiça, Gula, etc., etc., etc.

Qual é o nosso nível moral? Ou melhor diríamos: Qual é o nosso nível do Ser?

Enquanto o Nível do Ser não mude radicalmente, continuará a repetição de todas nossas misérias, cenas, desgraças e infortúnios…

Todas as coisas, todas as circunstâncias que se sucedem fora de nós,

no cenário deste mundo, são exclusivamente o reflexo do que interiormente levamos.

Com justa razão podemos asseverar solenemente que o "exterior é o reflexo do interior".

Quando a pessoa se modifica interiormente e tal mudança é radical, o exterior, as circunstâncias, a vida, mudam também.

Estive observando por este tempo (ano 1974) um grupo de pessoas que invadiram um terreno alheio. Aqui no México tais pessoas recebem o curioso apelido de "PARAQUEDISTAS".

São vizinhos da colônia campestre Churubusco. Estão muito perto de minha casa, motivo este pelo qual pude estudá-los de perto…

Ser pobre jamais pode ser delito, mas o grave não está nisso, senão no seu Nível de Ser…

Diariamente brigavam entre si, se embebedavam, se insultavam mutualmente, se convertiam em assassinos de seus próprios companheiros de infortúnio; vivem certamente em imundos barracos dentro dos quais em vez de amor reina o ódio…

Muitas vezes pensei que se qualquer sujeito desses eliminasse do seu interior o ódio, a ira, a luxúria, a embriaguez, a maledicência, a crueldade, o egoísmo, a calúnia, a inveja, o amor-próprio, o orgulho, etc., etc., etc., gostaria de outras pessoas, se associaria pela simples Lei de Afinidades Psicológicas com pessoas mais refinadas, mais espirituais; essas novas relações seriam definitivas para uma mudança econômica e social…

Seria esse o sistema que permitiria a tal sujeito abandonar o "chiqueiro", a "cloaca" imunda…

Assim, pois, se realmente queremos uma mudança radical, o que primeiro devemos compreender é que cada um de nós (seja branco ou negro, amarelo ou acobreado, ignorante ou ilustrado, etc.) está em tal ou

qual “Nível do Ser”.

Qual é o nosso Nível de Ser? Já haveis reflexionado alguma vez sobre isto? Não seria possível passar a outro nível se ignoramos o estado em que nos encontramos.

Capítulo II

A Escada Maravilhosa

Temos que anelar uma mudança verdadeira, sair desta rotina aborrecedora, desta vida meramente mecanicista, cansativa…

O que primeiro devemos compreender com inteira claridade é que cada um de nós, seja burguês ou proletário, abastado ou de classe média, rico ou miserável, se encontra realmente em tal ou qual Nível de Ser.

O Nível de Ser do bêbado é diferente ao do abstêmio, e o da prostituta, muito distinto do da donzela. Isto que estamos dizendo é irrefutável, irrebatível…

Ao chegar a esta parte de nosso capítulo, nada perdemos em imaginar uma escada que se estende de baixo até em cima, verticalmente e com muitíssimos degraus…

Inquestionavelmente, em algum degrau destes nós nos encontramos; degraus abaixo haverão gentes piores que nós; degraus acima se encontrarão pessoas melhores que nós...

Nesta Vertical extraordinária, nesta escada maravilhosa, é claro que podemos encontrar todos os Níveis de Ser… Cada pessoa é diferente e isso ninguém pode refutar…

Indubitavelmente, não estamos agora falando de caras feias ou bonitas, nem tampouco se trata de questão de idade. Há pessoas jovens e velhas,

anciãos que já estão para morrer e bebês recém-nascidos…

A questão do tempo e dos anos — isso de nascer, crescer, desenvolver-se, casar-se, reproduzir-se, envelhecer-se e morrer — é exclusivo da Horizontal…

Na "Escada Maravilhosa", na Vertical o conceito tempo não cabe. Nos degraus de tal escada só podemos encontrar "Níveis de Ser".

A esperança mecânica das pessoas não serve para nada; creem que com o tempo as coisas serão melhores; assim pensavam nossos avós e bisavós; os fatos precisamente vieram a demostrar o contrário…

O "Nível de Ser" é o que conta e isso é Vertical; nos achamos em um degrau, porém podemos subir a outro degrau…

A "Escada Maravilhosa", da qual estamos falando e que se refere aos distintos "Níveis de Ser", certamente nada tem a ver com o tempo linear…

Um "Nível de Ser" mais alto está imediatamente acima de nós de instante em instante…

Não está em nenhum remoto futuro horizontal, senão aqui e agora; dentro de nós mesmos; na Vertical…

É ostensível e qualquer um pode compreender que as duas linhas — Horizontal e Vertical — se encontram, de momento em momento, em nosso interior Psicológico e formam Cruz…

A personalidade se desenrola e desenvolve na linha Horizontal da Vida. Nasce e morre dentro de seu tempo linear; é perecedora; não exite nenhuma manhã para a personalidade do morto; não é o Ser…

Os Níveis do Ser, o Ser mesmo não é do tempo, nada tem que ver com a Linha Horizontal; se encontra dentro de nós mesmos, agora, na Vertical…

Resultaria manifestadamente absurdo buscar a nosso próprio Ser fora de si mesmos…

Não está demais assentar como corolário o seguinte: Títulos, graus, promoções, etc., no mundo físico exterior, em modo algum originariam exaltação autêntica, revalorização do Ser, acesso a um degrau superior nos “Níveis do Ser”…

Capítulo III

Rebeldia Psicológica

Não é demais recordar a nossos leitores que existe um ponto matemático dentro de nós mesmos…

Inquestionavelmente, tal ponto jamais se encontra no passado, nem tampouco no futuro…

Quem quiser descobrir esse ponto misterioso, deve buscá-lo aqui e agora, dentro de si mesmo, exatamente neste instante, nem um segundo adiante, nem um segundo atrás…

Os dois madeiros Vertical e Horizontal da Santa Cruz se encontram neste ponto…

Nos achamos, pois, de instante em instante, ante dois caminhos: o Horizontal e o Vertical…

É ostensível que o Horizontal é muito "comum"; por ele andam "Vicente e toda a gente", "Vilhega e todo o que chega", "Dom Raimundo e todo mundo"…

É evidente que o Vertical é diferente; é o caminho dos rebeldes inteligentes, o dos Revolucionários… Quando a gente se recorda de si mesmo, quando trabalha sobre si mesmo, quando não se identifica com todos os problemas e penas da vida, de fato vai pela Senda Vertical…

Certamente, jamais resulta tarefa fácil eliminar as emoções negativas, perder toda identificação com nosso próprio trem da vida, problemas de toda índole, negócios, dívidas, pagamento de contas, hipotecas, telefone, água, luz, etc., etc., etc.

Os desocupados, aqueles que por tal ou qual motivo perderam o emprego, o trabalho, evidentemente sofrem por falta de dinheiro e esquecer seu caso, não se preocupar nem se identificar com seu próprio problema, resulta de fato espantosamente difícil.

Os que sofrem, os que choram, aqueles que foram vítimas de alguma traição, de algum mal pago na vida, de uma Ingratidão, de uma calúnia ou de alguma fraude, realmente se esquecem de si mesmos, de seu real Ser íntimo, se identificam completamente com sua tragédia moral…

O trabalho sobre si mesmo é a característica fundamental do Caminho Vertical. Ninguém poderia pisar a Senda da Grande Rebeldia se jamais trabalhasse sobre si mesmo…

O trabalho ao qual estamos nos referindo é de tipo psicológico; se ocupa de certa transformação do momento presente em que nos encontramos. Necessitamos aprender a viver de instante em instante…

Por exemplo, uma pessoa que se encontra desesperada por algum problema sentimental, econômico ou político obviamente se esqueceu de si mesma…

Se tal pessoa se detém por um instante, se observa a situação e trata de recordar-se de si mesma e logo se esforça em compreender o sentido de sua atitude…

Se reflete um pouco, se pensa que tudo passa, que a vida é ilusória, fugaz e que a morte reduz a cinzas todas as vaidades do mundo…

Se compreende que seu problema no fundo não é mais que um "fogo de palha", uma fogo fátuo que logo se apaga, verá de repente com surpresa que tudo mudou…

Transformar reações mecânicas é possível mediante a confrontação lógica e a Autorreflexão Íntima do Ser…

É evidente que as gentes reagem mecanicamente ante as diversas circunstâncias da vida…

Pobres gentes! Costumam sempre se converter em vítimas. Quando alguém lhes adulam, sorriem; quando lhes humilham, sofrem. Insultam se lhes insultam; ferem se lhes ferem; nunca são livres; seus semelhantes têm o poder para levá-las da alegria à tristeza, da esperança ao desespero.

Cada pessoa dessas que vai pelo Caminho Horizontal se parece a um instrumento musical onde cada um de seus semelhantes toca o que lhe vem em gana…

Quem aprende a transformar as relações mecânicas de fato se mete pelo “Caminho Vertical”.

Isto representa uma mudança fundamental no “Nível de Ser”, resultado extraordinário da “Rebeldia Psicológica”.

Capítulo IV

A Essência

O que faz belo e adorável a todo bebê recém-nascido é sua Essência; esta constitui em si mesma sua verdadeira realidade…

O normal crescimento da Essência em toda criatura certamente é muito residual, incipiente…

O corpo humano cresce e se desenvolve de acordo com as leis biológicas da espécie, no entanto tais possibilidades resultam por si mesmas muito limitadas para a Essência…

Inquestionavelmente, a Essência só pode crescer por si mesma, sem ajuda, em pequeníssimo grau…

Falando francamente e sem rodeios, diremos que o crescimento espontâneo e natural da Essência só é possível durante os primeiros três, quatro e cinco anos de idade, isto é, na primeira etapa da vida…

As pessoas pensam que o crescimento e desenvolvimento da Essência se realiza em forma contínua de acordo com a mecânica da evolução, mas o Gnosticismo Universal ensina claramente que isto não ocorre assim…

A fim de que a Essência cresça mais, algo muito especial deve suceder, algo novo há que realizar. Quero referir-me de forma enfática ao trabalho sobre si mesmo. O desenvolvimento da Essência unicamente é

possível à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários…

É necessário compreender que estes trabalhos não se referem a questões de profissão, bancos, carpintaria, engenharia, ajuste de linhas férreas ou assuntos de oficina…

Este trabalho é para toda pessoa que se desenvolveu a personalidade; se trata de algo Psicológico…

Todos nós sabemos que temos dentro de si mesmos isso que se chama EGO, EU, MIM MESMO, SI MESMO…

Desgraçadamente, a essência se encontra embotelhada, enfrascada, entre o EGO e isso é lamentável.

Dissolver o EU Psicológico, desintegrar seus elementos indesejáveis, é urgente, indispensável, impostergável… Este é o sentido do trabalho sobre si mesmo.

Nunca poderíamos libertar a Essência sem desintegrar previamente o EU Psicológico…

Na Essência está a Religião, o BUDDHA, a Sabedoria, as partículas de dor de nosso Pai que está nos Céus e todos os dados que necessitamos para a AUTO-REALIZAÇÃO ÍNTIMA DO SER.

Ninguém poderia aniquilar o Eu Psicológico sem eliminar previamente os elementos inumanos que levamos dentro…

Necessitamos reduzir a cinzas a crueldade monstruosa desses tempos: a inveja que desgraçadamente veio a converter-se na mola secreta da ação; a cobiça insuportável que tornou a vida tão amarga; a asquerosa maledicência; a calúnia, que tantas tragédias origina; as bebedeiras; a imunda luxúria que cheira tão mal; etc., etc., etc.

À medida que todas essas abominações vão se reduzindo a poeira cósmica, a Essência, além de emancipar-se, crescerá e se desenvolverá

harmoniosamente…

Inquestionavelmente, quando o Eu Psicológico morre, resplandece em nós a Essência…

A Essência livre nos confere beleza íntima; de tal beleza emana a felicidade perfeita e o verdadeiro Amor…

A Essência possui múltiplos sentidos de perfeição e extraordinários poderes naturais…

Quando "Morremos em Si Mesmos", quando dissolvemos o EU Psicológico, gozamos dos preciosos sentidos e poderes da Essência…

Capítulo V

Acusar-se a Si Mesmo

A Essência que cada um de nós leva em seu Interior vem de cima, do Céu, das Estrelas…

Inquestionavelmente, a Essência maravilhosa provém da nota "LÁ" (a Via Láctea, a Galáxia em que vivemos).

Preciosa, a Essência passa através da nota "SOL" (o Sol) e logo da nota "FÁ" (a Zona Planetária), entra neste mundo e penetra em nosso próprio interior.

Nossos pais criaram o corpo apropriado para a recepção desta Essência que vem das Estrelas…

Trabalhando intensamente sobre nós mesmos e sacrificando-nos por nossos semelhantes, regressaremos vitoriosos ao seio profundo de Urânia…

Estamos vivendo neste mundo por algum motivo, para algo, por algum fator especial…

Obviamente, em nós há muito que devemos ver, estudar e compreender, se é que em realidade anelamos saber algo sobre nós mesmos, sobre nossa própria vida…

Trágica é a existência daquele que morre sem haver conhecido o motivo

de sua vida…

Cada um de nós deve descobrir por si mesmo o sentido de sua própria vida, aquilo que o mantém prisioneiro no cárcere da dor…

Ostensivelmente, há em cada um de nós algo que nos amarga a vida e contra o qual necessitamos lutar firmemente…

Não é indispensável que continuemos em desgraça; é impostergável reduzir a poeira cósmica isso que nos faz tão débeis e infelizes.

De nada serve envaidecer-nos com títulos, honras, diplomas, dinheiro, vão racionalismo subjetivo, consabidas virtudes, etc., etc., etc.

Não devemos esquecer jamais que a hipocrisia e as tolas vaidades da falsa personalidade fazem de nós pessoas torpes, antiquadas, retardatárias, reacionárias, incapazes para ver o novo…

A morte tem muitos significados tanto positivos como negativos. Consideremos aquela magnífica observação do "Grande KABIR Jesus Cristo".

"Que os mortos sepultem a seus mortos". Muitas pessoas, ainda que vivam, estão de fato mortas para todo possível trabalho sobre si mesmas e, portanto, para toda transformação íntima.

São pessoas embotelhadas em seus dogmas e crenças; gentes petrificadas nas lembranças de muitos ontens; indivíduos cheios de preconceitos ancestrais; pessoas escravas do que dirão; espantosamente tíbias, indiferentes, às vezes "sabichonas" convencidas de estar na verdade porque assim lhe disseram, etc., etc., etc.

Essas pessoas não querem entender que este mundo é um "Ginásio Psicológico" mediante o qual seria possível aniquilar essa feiura secreta que todos levamos dentro…

Se essas pobres gentes compreendessem o estado tão lamentável em que se encontram, tremeriam de horror…

Porém, tais pessoas pensam sempre de si mesmas o melhor; se jactam de suas virtudes, se sentem perfeitas, bondosas, prestativas, nobres, caridosas, inteligentes, cumpridoras de seus deveres, etc.

A vida prática como escola é formidável, porém tomá-la como um fim em si mesma é manifestadamente absurdo.

Os que tomam a vida em si mesma, tal como se vive diariamente, não compreenderam a necessidade de trabalhar sobre si mesmos para lograr uma "Transformação Radical".

Desgraçadamente, as pessoas vivem mecanicamente, nunca ouviram falar algo sobre o trabalho interior…

Mudar é necessário, porém as pessoas não sabem como mudar; sofrem muito e nem sequer saber porque sofrem…

Ter dinheiro não é tudo. A vida de muitas pessoas ricas costuma ser verdadeiramente trágica…

Capítulo VI

A Vida

No terreno da vida prática descobrimos sempre contrastes que assombram. Pessoas endinheiradas com magnífica residência e muitas amizades às vezes sofrem espantosamente…

Humildes proletários de “picareta e pá” ou pessoas da classe média costumam viver às vezes em completa felicidade.

Muitos arquimilionários sofrem de impotência sexual e ricas senhoras choram amargamente a infidelidade do marido…

Os ricos da terra parecem abutres entre jaulas de ouro; por estes tempos não podem viver sem “guarda-costas”…

Os homens de estado arrastam correntes, nunca estão livres, andam seja onde for rodeados por gente armada até os dentes…

Estudemos esta situação mais detidamente. Necessitamos saber o que é a vida. Cada qual é Livre para opinar como queira…

Digam o que disserem, certamente ninguém sabe nada, a vida é um problema que ninguém entende…

Quando as pessoas desejam nos contar gratuitamente a história de sua vida, citam acontecimentos, nomes e sobrenomes, datas, etc., e sentem satisfação ao fazer seus relatos…

Essas pobres pessoas ignoram que seus relatos estão incompletos, porque eventos, nomes e datas são tão somente o aspecto externo do filme, falta o aspecto interno…

É urgente conhecer “estados de consciência”; a cada evento corresponde tal ou qual estado anímico.

Os estados são interiores e os eventos são exteriores; os acontecimentos externos não são tudo…

Entenda-se por estados interiores as boas ou más disposições, as preocupações, a depressão, a superstição, o temor, a suspeita, a misericórdia, a auto-consideração, a auto-estima, estados de sentir-se feliz, estados de gozo, etc., etc., etc.

Inquestionavelmente, os estados interiores podem se corresponder exatamente com os acontecimentos exteriores ou ser originados por estes, ou não ter relação alguma com os mesmos...

Em todo caso, estados e eventos são diferentes. Nem sempre os acontecimentos se correspondem exatamente com os estados afins.

O estado interior de um evento agradável poderia não se corresponder com o mesmo.

O estado interior de um evento desagradável poderia não se corresponder com o mesmo.

Acontecimentos aguardados durante muito tempo, quando vieram, sentimos que faltava algo…

Certamente faltava o correspondente estado Interior que devia combinar-se com o acontecimento exterior…

Muitas vezes o acontecimento que não se esperava vem a ser o que melhores momentos nos proporcionou…

Capítulo VII

O Estado Interior

Combinar estados interiores com acontecimentos exteriores de forma correta é saber viver inteligentemente…

Qualquer evento inteligentemente vivenciado exige seu correspondente estado interior específico…

Porém, desafortunadamente as pessoas, quando revisam sua vida, pensam que esta em si mesma está constituída exclusivamente por eventos exteriores…

Pobres pessoas! Pensam que se tal ou qual acontecimento não lhes houvesse sucedido sua vida teria sido melhor...

Supõem que a sorte lhes saiu ao encontro e que perderam a oportunidade se serem felizes…

Lamentam o perdido, choram o que desprezaram, gemem recordando os velhos tropeços e calamidades…

Não querem dar-se conta as pessoas que vegetar não é viver e que a capacidade para existir conscientemente depende exclusivamente da qualidade dos estados interiores da Alma…

Não importa certamente quão formosos sejam os acontecimentos externos da vida, se não nos encontramos em tais momentos no estado inte-

rior apropriado, os melhores eventos podem parecer-nos monótonos, cansativos ou simplesmente aborrecedores…

Alguém aguarda com ansiedade a festa de bodas; é um acontecimento, mas poderia suceder que se estivesse tão preocupado no momento preciso do evento, que realmente não experimentasse nele nenhum deleite e que tudo aquilo se tornasse tão árido e frio como um protocolo…

A experiência nos ensinou que não todas as pessoas que participam de um banquete ou de um baile gozam de verdade…

Nunca falta um aborrecimento no melhor dos festejos e as peças mais deliciosas alegram uns e fazem outros chorar…

Muito raras são as pessoas que sabem combinar confiantemente o evento externo com o estado interior apropriado…

É lamentável que as pessoas não saibam viver conscientemente: choram quando devem sorrir e riem quando devem chorar…

Controle é diferente: O sábio pode estar alegre, mas nunca, jamais, cheio de louco frenesi; triste, porém nunca desesperado e abatido... sereno em meio da violência; abstêmio na orgia; casto entre a luxúria, etc.

As pessoas melancólicas e pessimistas pensam da vida o pior e francamente não desejam viver…

Todos os dias vemos gentes que não somente são infelizes, senão que ademais – e o que é pior –, também fazem amarga a vida dos demais...

Pessoas assim não mudariam nem vivendo diariamente de festa em festa; levam a enfermidade psicológica em seu interior… Tais pessoas possuem estados íntimos definitivamente perversos…

Não obstante, esses sujeitos se auto-qualificam como justos, santos, virtuosos, nobres, prestativos, mártires, etc., etc., etc.

São pessoas que se auto-consideram demasiado; pessoas que se querem

muito a si mesmas…

Indivíduos que se apiedam muito de si mesmos e que sempre buscam escapatórias para eludir suas próprias responsabilidades…

Pessoas assim estão acostumadas às emoções inferiores e é ostensível que por tal motivo criam diariamente elementos psíquicos infra-humanos.

Os eventos desgraçados, reveses da fortuna, miséria, dívidas, problemas, etc., são exclusivamente daquelas pessoas que não sabem viver…

Qualquer um pode formar-se uma rica cultura intelectual, mas são poucas as pessoas que aprenderam a viver retamente...

Quando se quer separar os eventos exteriores dos estados interiores da consciência, demostra concretamente sua incapacidade para existir dignamente.

Os que aprendem a combinar conscientemente eventos exteriores e estados interiores marcham pelo caminho do êxito…

Capítulo VIII

Estados Equivocados

Inquestionavelmente, na rigorosa observação do Mim Mesmo, resulta sempre impostergável e indispensável fazer uma completa diferenciação lógica em relação com os acontecimentos exteriores da vida prática e os estados íntimos da consciência.

Necessitamos com urgência saber onde estamos situados em um momento dado, tanto em relação com o estado íntimo da consciência, como na natureza específica do acontecimento exterior que está nos sucedendo.

A vida em si mesma é uma série de acontecimentos que se processam através do tempo e do espaço…

Alguém disse: "A vida é uma cadeia de martírios que leva o homem enredada na Alma…".

Cada qual é muito livre para pensar como queira; eu creio que aos efêmeros prazeres de um instante fugaz sucedem sempre o desencanto e a amargura…

Cada acontecimento tem seu sabor característico especial e os estados interiores são assim mesmo de distintas classes. Isso é inconvertível, irrefutável…

Certamente, o trabalho interior sobre si mesmo se refere de forma en-

fática aos diversos estados psicológicos da consciência…

Ninguém poderia negar que em nosso interior carregamos muitos erros e que existem estados equivocados…

Se de verdade queremos mudar realmente, necessitamos, com urgência máxima e indispensável, modificar radicalmente esses estados equivocados da consciência…

A modificação absoluta dos estados equivocados origina transformações completas no terreno da vida prática…

Quando a pessoa trabalha seriamente sobre os estados equivocados, obviamente os acontecimentos desagradáveis da vida já não podem ferir-lhe tão facilmente…

Estamos dizendo algo que só é possível compreendê-lo vivenciando, sentindo-o realmente no terreno mesmo dos fatos…

Quem não trabalha sobre si mesmo é sempre vítima das circunstâncias; é como um mísero lenho sobre as águas tormentosas do oceano…

Os acontecimentos mudam incessantemente em suas múltiplas combinações; vêm um atrás do outro em ondas, são influências…

Certamente existem bons e maus acontecimentos; alguns eventos serão melhores ou piores que outros…

Modificar certos eventos é possível; alterar resultados, modificar situações, etc., está certamente dentro do número das possibilidades.

Porém, existem de fato situações que de verdade não podem ser alteradas; nestes últimos casos devem aceitar-se conscientemente, ainda que algumas resultem muito perigosas e até dolorosas…

Inquestionavelmente, a dor desaparece quando não nos identificamos com o problema que se apresentou…

Devemos considerar a vida como uma série sucessiva de estados interiores; uma história autêntica de nossa vida em particular está formada por todos estes estados…

Ao revisar a totalidade de nossa própria existência, podemos verificar por si mesmos de forma direta que muitas situações desagradáveis foram possíveis graças a estados interiores equivocados…

Alexandre Magno, ainda que sempre foi temperante por natureza, se entregou por orgulho aos excessos que lhe produziram a morte…

Francisco I morreu por causa de um sujo e abominável adultério, que muito bem recorda a história…

Quando Marat foi assassinado por uma freira perversa, se morria de soberba e de inveja, se acreditava a si mesmo absolutamente justo…

As damas do Parque dos Servos inquestionavelmente acabaram totalmente a vitalidade do espantoso fornicário chamado LUÍS XV.

Muitas são as pessoas que morrem por ambição, ira ou ciúmes, isto sabem muito bem os Psicólogos…

Enquanto nossa vontade se confirma irrevogavelmente em uma tendência absurda, nos convertemos em candidatos para o túmulo ou cemitério…

Otelo, devido a ciúmes, se converteu em assassino, e o cárcere está cheio de equivocados sinceros…

Capítulo IX

Acontecimento Pessoais

Plena auto-observação íntima do Mim Mesmo resulta indispensável quando se trata de descobrir estados psicológicos equivocados.

Inquestionavelmente, os estados interiores equivocados podem ser corrigidos mediante procedimentos corretos.

Como a vida interior é o ímã que atrai os eventos exteriores, necessitamos, com urgência máxima indispensável, eliminar de nossa psique os estados psicológicos errôneos.

Corrigir estados psicológicos equivocados é indispensável quando se quer alterar fundamentalmente a natureza de certos eventos indesejáveis.

Alterar a nossa relação com determinados eventos é possível se eliminamos de nosso interior certos estados psicológicos absurdos.

Situações exteriores destrutivas poderiam converter-se em inofensivas e até construtivas mediante a inteligente correção dos estados interiores errôneos.

Pode-se modificar a natureza dos eventos desagradáveis que nos ocorrem quando se purifica interiormente. Quem jamais corrige os estados psicológicos absurdos crendo-se muito forte, converte-se em vítima das circunstâncias.

Pôr ordem em nossa desordenada casa interior é vital quando se deseja mudar o curso de uma desgraçada existência.

As pessoas se queixam de tudo, sofrem, choram, protestam, querem mudar de vida, sair do infortúnio em que se encontram, mas desafortunadamente não trabalham sobre si mesmas.

Não querem dar-se conta as pessoas que a vida interior atrai circunstâncias exteriores e que, se estas são dolorosas, deve-se aos estados interiores absurdos.

O exterior é tão só o reflexo do interior. Quem muda interiormente, origina uma nova ordem de coisas.

Os eventos exteriores jamais seriam tão importantes como o modo de reagir ante os mesmos.

Permaneceste sereno ante o insultador? Recebeste com agrado as manifestações desagradáveis de vossos semelhantes?

De que maneira reagiste ante a infidelidade do ser amado? Te deixaste levar pelo veneno do ciúmes? Mataste? Estás no cárcere?

Os hospitais, os cemitérios ou túmulos, os cárceres estão cheios de sinceros equivocados que reagiram de forma absurda ante os eventos exteriores.

A melhor arma que um homem pode usar na vida é um estado Psicológico correto.

Pode-se desarmar feras e desmascarar traidores mediante estados interiores apropriados.

Os estados interiores equivocados nos convertem em vítimas indefesas da perversidade humana.

Aprendei a enfrentar os sucessos mais desagradáveis da vida prática com uma atitude interior apropriada…

Não te identifiques com nenhum acontecimento; recorda que tudo passa; aprende a ver a vida como um filme e receberás os benefícios…

Cada evento exterior necessita, inquestionavelmente, da senha apropriada, quer dizer, do estado Psicológico preciso.

Capítulo X

Os Diferentes Eus

O Mamífero Racional, equivocadamente chamado homem, realmente não possui uma individualidade definida.

Inquestionavelmente, esta falta de unidade Psicológica no Humanoide é a causa de tantas dificuldades e amarguras.

O corpo físico é uma unidade completa e trabalha como um todo orgânico, a menos que esteja enfermo.

Porém, a vida interior do Humanoide em modo algum é uma unidade psicológica.

O mais grave de tudo isso, a despeito do que digam as diversas escolas de tipo Pseudo-esotérico e Pseudo-ocultista, é a ausência de organização Psicológica no fundo íntimo de cada sujeito.

Certamente, em tais condições, não existe trabalho harmonioso como um todo na vida interior das pessoas.

O Humanoide, a respeito de seu estado interior, é uma multiplicidade psicológica, uma soma de "Eus".

Os ignorantes ilustrados desta época tenebrosa rendem culto ao "EU", endeusam-no, põem-no nos altares, chamam-no "ALTER EGO", "EU SUPERIOR", "EU DIVINO", etc., etc., etc.

Não querem dar-se conta os “Sabichões” desta idade negra em que vivemos que o “Eu Superior” ou “Eu Inferior” são duas seções de um mesmo Ego pluralizado…

O Humanoide não tem certamente um “EU Permanente”, senão uma multidão de diferentes “Eus” infra-humanos e absurdos.

O pobre animal intelectual, equivocadamente chamado homem, é semelhante a uma casa em desordem onde, em vez de um amo, existem muitos criados que querem sempre mandar e fazer o que lhes vêm à gana...

O maior erro do Pseudo-esoterismo e Pseudo-ocultismo barato é supor que os outros possuem ou que têm um “Eu Permanente e Imutável” sem princípio e sem fim…

Se esses que assim pensam despertassem a consciência ainda que fosse por um instante, poderiam evidenciar claramente, por si mesmos, que o Humanoide racional nunca é o mesmo por muito tempo…

O mamífero intelectual, desde o ponto de vista psicológico, está mudando continuamente…

Pensar que se uma pessoa se chama Luís é sempre Luís resulta algo assim como uma piada de muito mau gosto…

Esse sujeito que se chama Luís tem em si mesmo outros “Eus’, outros egos, que se expressam através de sua personalidade em diferentes momentos, e ainda que Luís não goste da cobiça, outro “Eu” nele — chamemos-lhe Pepe — gosta da cobiça, e assim sucessivamente…

Nenhuma pessoa é a mesma de forma contínua. Realmente não se necessita ser muito sábio para dar-se conta cabal das inumeráveis mudanças e contradições de cada sujeito…

Supor que alguém possui um “Eu Permanente e Imutável” equivale desde logo a um abuso para com o próximo e para consigo mesmo…

Dentro de cada pessoa vivem muitas pessoas, muitos “Eus”; isto o pode verificar por si mesmo e em forma direta qualquer pessoa desperta, consciente…

Capítulo XI

O Querido Ego

Posto que superior e inferior são duas seções de uma mesma coisa, não é demais assentar o seguinte corolário: “EU SUPERIOR, EU INFERIOR” são dois aspectos do mesmo EGO tenebroso e pluralizado.

O denominado “EU DIVINO” ou “EU SUPERIOR”, “ALTER EGO” ou algo do estilo, é certamente uma artimanha do “MIM MESMO”, uma forma de AUTO-ENGANO.

Quando o EU quer continuar aqui e no além, se Auto-engana com o falso conceito de um EU Divino Imortal…

Nenhum de nós tem um “Eu” verdadeiro, permanente, imutável, eterno, inefável, etc., etc., etc.

Nenhum de nós tem em realidade uma verdadeira e autêntica Unidade de Ser; desafortunadamente, nem sequer possuímos uma legítima individualidade.

O Ego, ainda que continue além da sepultura, tem, no entanto, um princípio e um fim.

O Ego, o EU, nunca é algo individual, unitário, unitotal. Obviamente o EU é “EUS”.

No Tibete Oriental, os “EUS” se denominam “AGREGADOS PSÍQUICOS”

ou simplesmente “Valores”, sejam estes últimos positivos ou negativos.

Se pensamos em cada “Eu” como uma pessoa diferente, podemos asseverar de forma enfática o seguinte: “Dentro de cada pessoa que vive no mundo existem muitas pessoas”.

Inquestionavelmente, dentro de cada um de nós vivem muitíssimas pessoas diferentes, algumas melhores, outras piores…

Cada um destes Eus, cada uma destas pessoas luta pela supremacia, quer se exclusiva, controla o cérebro intelectual ou os centros emocional e moto cada vez que pode, enquanto outro o substitui…

A Doutrina dos muitos Eus foi ensinada no Tibete Oriental por verdadeiros Clarividentes, pelos autênticos Iluminados...

Cada um de nossos defeitos psicológicos está personificado em tal ou qual Eu. Uma vez que temos milhares e até milhões de defeitos, ostensivelmente vive muita gente em nosso interior.

Em questões psicológicas, pudemos evidenciar claramente que os sujeitos paranoicos, ególatras e mitômanos por nada na vida abandonariam o culto ao querido Ego.

Inquestionavelmente, tais gentes odeiam mortalmente a doutrina dos muitos “Eus”.

Tormento di sant’Antonio, Michelangelo

Quando a pessoa quer de verdade conhecer a si mesmo, deve auto-observar-se e tratar de conhecer os diferentes “Eus” que estão metidos dentro da personalidade.

Se algum de nossos leitores não compreende ainda esta doutrina dos

muitos “Eus”, deve-se exclusivamente à falta de prática em matéria de Auto-observação.

À medida que a gente pratica a Auto-observação Interior, vai descobrindo por si mesmo as muitas pessoas, os muitos “Eus” que vivem dentro de nossa própria personalidade.

Aqueles que negam a doutrina dos muitos Eus, aqueles que adoram a um EU Divino, indubitavelmente jamais se auto-observaram seriamente. Falando esta vez em estilo socrático, diremos que essas pessoas não só ignoram como ademais ignoram que ignoram.

Certamente, jamais poderíamos conhecer-nos a nos mesmos sem a auto-observação séria e profunda.

Enquanto um sujeito qualquer siga considerando-se como Uno, é claro que qualquer mudança interior será mais que impossível.

Capítulo XII

A Mudança Radical

Enquanto um homem prossiga com o erro de crer-se a si mesmo Uno, Único, Individual, é evidente que a mudança radical será algo mais que impossível.

O fato mesmo de que o trabalho esotérico comece com a rigorosa observação de si mesmo nos está indicando uma multiplicidade de fatores Psicológicos, Eus ou elementos indesejáveis que é urgente extirpar, erradicar de nosso interior.

Inquestionavelmente, em modo algum seria possível eliminar erros desconhecidos; urge observar previamente aquilo que queremos separar de nossa Psique.

Esse tipo de trabalho não é externo mas interno e quem pensa que qualquer manual de etiqueta ou sistema ético externo e superficial lhes possa levar ao êxito, estão de fato totalmente equivocados.

O fato concreto e definitivo de que o trabalho íntimo comece com a atenção concentrada na observação plena de si mesmo é motivo mais que suficiente para demonstrar que isto exige um esforço pessoal muito particular de cada um de nós.

Falando francamente e sem rodeios, asseveramos de forma enfática o seguinte: Nenhum ser humano poderia fazer este trabalho por nós.

Não é possível mudança alguma em nossa Psique sem a observação direta de todo esse conjunto de fatores subjetivos que levamos dentro.

Dar por aceita a multiplicidade de erros, descartando a necessidade de estudo e observação direta dos mesmo significa de fato uma evasiva ou escapatória, uma fuga de si mesmo, uma forma de auto-engano.

Só através do esforço rigoroso da observação judiciosa de si mesmo, sem escapatórias de nenhuma espécie, poderemos evidenciar realmente que não somos "Um" mas "Muitos".

Admitir a pluralidade do EU e evidenciá-la através da observação rigorosa, são dois aspectos diferentes.

Alguém pode aceitar a Doutrina dos muitos Eus sem havê-la jamais evidenciado. Este último só é possível auto-observando-se cuidadosamente.

Evitar o trabalho de observação íntima, buscar evasivas, é sinal inconfundível de degeneração.

Enquanto um homem sustente a ilusão de que é sempre uma e a mesma pessoa, não pode mudar e é óbvio que a finalidade deste trabalho é precisamente lograr uma mudança gradual em nossa vida interior.

A transformação radical é uma possibilidade definida que normalmente se perde quando não se trabalha sobre si mesmo.

O ponto inicial da mudança radical permanece oculto enquanto o homem continue crendo-se uno.

Os que rechaçam a Doutrina dos muitos Eus demostram claramente que jamais se auto-observaram seriamente.

A severa observação de si mesmo, sem escapatórias de nenhuma espécie, nos permite vivenciar por si mesmos o cru realismo de que não somos "Um" mas "Muitos".

No mundo das opiniões subjetivas, diversas teorias pseudo-esoteristas ou pseudo-ocultistas servem sempre de atalho para fugir de si mesmos...

Inquestionavelmente, a ilusão de que se é sempre uma e uma mesma pessoa serve de obstáculo para a auto-observação...

Alguém poderia dizer: "Sei que não sou Um mas Muitos, a Gnose me ensinou". Tal afirmação, ainda que fosse muito sincera, se não existisse plena experiência vivida sobre esse aspecto doutrinário, obviamente tal afirmação seria algo meramente externo e superficial.

Evidenciar, experimentar e compreender é o fundamental. Só assim é possível trabalhar conscientemente para lograr uma mudança radical.

Afirmar é uma coisa e compreender é outra. Quando alguém diz: "Compreendo que não sou Um mas Muitos", se sua compreensão é verdadeira e não mero palavrório insubstancial de charla ambígua, isto indica, assinala, acusa plena verificação da Doutrina dos Muitos Eus.

Conhecimento e Compreensão são diferentes. O primeiro destes é da mente, o segundo do coração.

O mero conhecimento da Doutrina dos Muitos Eus de nada serve. Desafortunadamente, por estes tempos em que vivemos, o conhecimento foi muito além da compreensão, porque o pobre animal intelectual equivocadamente chamado homem desenvolveu exclusivamente o lado do conhecimento esquecendo lamentavelmente o correspondente lado do Ser.

Conhecer a Doutrina dos Muitos Eus e compreendê-la é fundamental para toda mudança radical verdadeira.

Quando um homem começa a observar-se detidamente a si mesmo, desde o ângulo de que não é Um mas muitos, obviamente iniciou o trabalho sério sobre sua natureza interior.

Capítulo XIII

Observador e Observado

É muito claro e não resulta difícil compreender que quando alguém começa a observar-se a si mesmo seriamente desde o ponto de vista de que não é Um senão Muitos começa realmente a trabalhar sobre tudo isso que carrega dentro.

É óbice, obstáculo, tropeço, para o trabalho da Auto-observação Íntima os seguintes defeitos psicológicos: **Mitomania** (Delírio de Grandeza, crer-se um Deus), **Egolatria** (Crença em um EU Permanente; adoração a qualquer espécie de Alter-ego). **Paranoia** (Sabichonice, auto-suficiência, presunção, crer-se infalível, orgulho místico, pessoa que não saber ver o ponto de vista alheio).

Quando se continua com a convicção absurda que se é Uno, que se possui um Eu permanente, resulta algo mais que impossível o trabalho sério sobre si mesmo.

Quem sempre se crê Uno, nunca será capaz de separar-se de seus próprios elementos indesejáveis. Considerará cada pensamento, sentimento, desejo, emoção, paixão, afeto, etc., etc., etc., como funcionalismos diferentes, imodificáveis, de sua própria natureza e até se justificará ante os demais dizendo que tais ou quais defeitos pessoais são de caráter hereditário…

Quem aceita a Doutrina dos Muitos Eus compreende, à base de observa-

ção, que cada desejo, pensamento, ação, paixão etc., corresponde a este ou outro Eu distinto, diferente…

Qualquer atleta da Auto-observação Íntima trabalha muito seriamente dentro de si mesmo e se esforça para apartar de sua Psique os diversos elementos indesejáveis que carrega dentro…

Se a pessoa de verdade e muito sinceramente começa a observar-se internamente, resulta dividindo-se em dois: Observador e Observado.

Se tal divisão não se produzisse, é evidente que nunca daríamos um passo adiante na Via maravilhosa do Auto-conhecimento.

Como poderíamos observar a nós mesmos se cometemos o erro de não querer dividir-nos entre Observador e Observado?

Socrates Looking in a Mirror, Bernard Vaillant

Se tal divisão não se produzisse, é obvio que nunca daríamos um passo adiante no caminho do Autoconhecimento.

Indubitavelmente, quando esta divisão não se sucede, continuamos identificados com todos os processos do Eu Pluralizado...

Quem se identifica com os diversos processos do Eu Pluralizado, é sempre vítima das circunstâncias.

Como poderia modificar circunstâncias aquele que não se conhece a si mesmo? Como poderia conhecer-se a si mesmo quem nunca se observou internamente? De que maneira poderia alguém auto-observar-se se não se divide previamente em Observador e Observado?

Deste modo, ninguém pode começar a mudar radicalmente enquanto não seja capaz de dizer: “Este desejo é um Eu animal que devo eliminar”; “este pensamento egoísta é outro Eu que me atormenta e que necessito desintegrar”; “este sentimento que fere meu coração é um Eu intruso que necessito reduzir a poeira cósmica”; etc., etc., etc.

Naturalmente, isso é impossível para quem nunca se dividiu entre Observador e Observado.

Quem toma todos os seus processos Psicológicos como funcionalismos de um Eu Único, individual e Permanente, encontra-se tão identificado como todos seus erros, os têm tão unidos a si mesmo, que perdeu por tal motivo a capacidade para separá-los de sua Psique.

Obviamente, pessoas assim jamais podem mudar radicalmente, são pessoas condenadas ao mais rotundo fracasso.

Capítulo XIV

Pensamentos Negativos

Pensar profundamente e com plena atenção resulta raro por esta época involutiva e decadente.

Do Centro Intelectual surgem diversos pensamentos provenientes, não de um Eu permanente como supõem nesciamente os ignorantes ilustrados, mas dos diferentes “Eus” em cada um de nós.

Quando o homem está pensando, crê firmemente que ele em si mesmo e por si mesmo está pensando.

Não quer dar-se conta o pobre mamífero intelectual que os múltiplos pensamentos que por seu entendimento cruzam têm sua origem nos distintos “Eus” que levamos dentro.

Isto significa que não somos verdadeiros indivíduos pensantes; realmente, ainda não temos mente individual.

Não obstante, cada um dos diferentes “Eus” que carregamos dentro usa nosso Centro Intelectual, o utiliza cada vez que pode para pensar.

Absurdo seria, pois, nos identificarmos com tal ou qual pensamento negativo e prejudicial, crendo-o propriedade particular.

Obviamente, este ou aquele pensamento negativo provém de qualquer “Eu” que em um momento dado usou abusivamente nosso Centro Inte-

lectual.

Pensamentos negativos os há de distintas espécies: suspeita, desconfiança, má vontade para com outra pessoa, ciúmes passionais, ciúmes religiosos, ciúmes políticos, ciúmes por amizades ou de tipo familiar, cobiça, luxúria, vingança, ira, orgulho, inveja, ódio, ressentimento, furto, adultério, preguiça, gula, etc., etc., etc.

Realmente, são tantos os defeitos psicológicos que temos, que, ainda que tivéssemos palato de aço e mil línguas para falar, não alcançaríamos enumerá-los cabalmente.

Como consequência ou corolário do dito antes, resulta disparatado identificar-nos com os pensamentos negativos.

Como não é possível que exista efeito sem causa, afirmarmos solenemente que nunca poderia existir um pensamento por si mesmo, por geração espontânea.

A relação entre pensador e pensamento é ostensível; cada pensamento negativo tem sua origem em um pensador diferente.

Em cada um de nós existem tantos pensadores negativos quanto pensamentos da mesma índole.

Vista esta questão desde o ângulo pluralizado de “Pensadores e Pensamentos”, sucede que cada um dos “Eus” que carregamos em nossa Psique é certamente um pensador diferente.

Inquestionavelmente, dentro de cada um de nós existem demasiados pensadores; no entanto, cada um destes, apesar de ser tão só parte, se crê o todo, em um momento dado...

Os mitômanos, os ególatras, os narcisistas, os paranoicos, nunca aceitariam a tese da “Pluralidade de Pensadores” porque se querem demasiado a si mesmos, se sentem “o papai do Tarzan” ou “a mamãe dos pintinhos”.

Como poderiam tais pessoas anormais aceitarem a ideia de que não possuem um mente individual, genial, maravilhosa?

No entanto, tais sabichões pensam de si mesmos o melhor e até se vestem com a túnica de Aristipo para demonstrar sabedoria e humildade…

Conta por aí a lenda dos séculos que Aristipo, querendo demostrar sabedoria e humildade, vestiu-se com uma velha túnica cheia de remendos e rasgos; empunhou na destra o Bastão da Filosofia e se foi pelas ruas de Atenas…

Dizem que quando Sócrates o viu vir, exclamou com grande voz: “Oh Aristipo, vê-se tua vaidade através dos rasgos de tua vestimenta!”.

Quem não vive sempre em estado de Alerta-Novidade, Alerta-Percepção pensando que está pensando, identifica-se facilmente com qualquer pensamento negativo.

Como resultado disso, fortalece lamentavelmente o poder sinistro do “Eu Negativo”, autor do correspondente pensamento em questão.

Quanto mais nos identificamos com um pensamento negativo, tanto mais escravos seremos do correspondente “Eu” que lhe caracteriza.

Com respeito à Gnose, ao Caminho Secreto, ao trabalho sobre si mesmo, nossas tentações particulares se encontram precisamente nos “Eus” que odeiam a Gnose, o trabalho esotérico, porque não ignoram que sua existência dentro de nossa psique está mortalmente ameaçada pela Gnose e pelo trabalho.

Esses “Eus Negativos” e briguentos se apoderam facilmente de certos arquivos mentais armazenados em nosso Centro Intelectual e originam sequencialmente correntes mentais nocivas e prejudiciais.

Se aceitamos esses pensamentos, esses “Eus Negativos” que em um momento dado controlam nosso Centro Intelectual, seremos então incapazes de liberar-nos de seus resultados.

Jamais devemos esquecer que todo “Eu Negativo” se “Auto-engana” e “Engana”; conclusão: Mente.

Cada vez que sentimos uma súbita perda de força, quando o aspirante se desilude da Gnose, do trabalho esotérico, quando perde o entusiasmo e abandona o melhor, é óbvio que foi enganado por algum Eu Negativo.

O “Eu Negativo do Adultério” aniquila os nobres lares e faz desgraçados os filhos.

O “Eu Negativo do Ciúmes” engana os seres que se adoram e destrói a dita dos mesmos.

O “Eu Negativo do Orgulho Místico” engana os devotos do Caminho e estes, sentindo-se sábios, aborrecem-se de seu Mestre e o traem…

O Eu Negativo apela a nossas experiências pessoais, a nossas recordações, a nossos melhores anelos, a nossa sinceridade, e, mediante uma rigorosa seleção de tudo isso, apresenta algo em uma falsa luz, algo que fascina e vem o fracasso…

No entanto, quando a pessoa descobre o “Eu” em ação, quando aprendeu a viver em estado de alerta, tal engano faz-se impossível…

Capítulo XV

A Individualidade

Crer-se "Uno" certamente é uma piada de muito mau gosto. Infelizmente, essa vã ilusão existe dentro de cada um de nós.

Lamentavelmente, sempre pensamos de nós mesmos o melhor, jamais nos ocorrer compreender que nem sequer possuímos Individualidade verdadeira.

O pior do caso é que até nos damos o luxo falso de supor que cada um de nós goza de plena consciência e vontade própria.

Pobre de nós! Quão néscio somos! Não há dúvida de de que a ignorância é a pior das desgraças.

Dentro de cada um de nós existem muito milhares de indivíduos diferentes, sujeitos distintos, Eus ou pessoas que brigam entre si, que pelejam pela supremacia e que não têm ordem ou concordância alguma.

Se fôssemos conscientes, se despertássemos de tantos sonhos e fantasias, quão distinta seria a vida…

Mas, para o cúmulo de nosso infortúnio, as emoções negativas e as auto-considerações e amor-próprio nos fascinam, nos hipnotizam, jamais nos permitem recordar-nos de nós mesmos, vermos tal qual somos…

Cremos ter uma só vontade quando na realidade possuímos muitas von-

tades diferentes. (Cada Eu tem a sua).

A tragicomédia de toda essa Multiplicidade Interior resulta pavorosa; as diferentes vontades interiores chocam entre si, vivem em conflito contínuo, atuam em diferentes direções.

Se tivéssemos verdadeira Individualidade, se possuíssemos Uma Unidade em vez de uma Multiplicidade, teríamos também continuidade de propósitos, consciência desperta, vontade particular, individual.

Mudar é o indicado, no entanto devemos começar por ser sinceros conosco mesmos.

Necessitamos fazer um inventário psicológico de nós mesmos para conhecer o que nos sobra e o que nos falta.

É possível conseguir Individualidade, mas se cremos tê-la, tal possibilidade desaparecerá.

É evidente que jamais lutaríamos para conseguir algo que cremos ter. A fantasia nos faz crer que somos possuidores da Individualidade e até existem no mundo escolas que assim ensinam.

É urgente lutar contra a fantasia; esta nos faz aparecer como si fôssemos isto ou aquilo, quando em realidade somos miseráveis, desenvergonhados e perversos.

Pensamos que somos homens, quando na verdade somos tão só mamíferos intelectuais desprovidos de Individualidade.

Os mitômanos creem-se Deuses, Mahatmas, etc., sem ao menos suspeitar que nem sequer têm mente individual e Vontade Consciente.

Os ególatras adoram tanto a seu querido Ego, que nunca aceitariam a ideia da Multiplicidade de Egos dento de si mesmos.

Os paranoicos com todo o orgulho clássico que lhes caracteriza, nem sequer lerão este livro…

É indispensável lutar à morte contra a fantasia acerca de nós mesmos, se é que não queremos ser vítimas das emoções artificiais e experiências falsas que, ademais de colocar-nos em situações ridículas, detêm toda possibilidade de desenvolvimento interior.

O animal intelectual está tão hipnotizado por sua fantasia, que sonha que é leão ou águia quando na verdade não é mais que um vil gusano do lodo da terra.

O mitômano jamais aceitaria essas afirmações feitas linhas acima; obviamente, ele se sente arqui-hierofante digam o que digam, sem suspeitar que a fantasia é meramente nada, "nada senão fantasia".

A fantasia é uma força real que atua universalmente sobre a humanidade e que mantêm ao Humanoide Intelectual em estado de sono, fazendo-lhe crer que já é um homem, que possui verdadeira Individualidade, vontade, consciência desperta, mente particular, etc., etc., etc.

Quando pensamos que somos uno, não podemos mover-nos de onde estamos em nós mesmos, permanecemos estancados e por último degeneramos, involuímos.

Cada um de nós encontra-se em determinada etapa psicológica e não poderemos sair da mesma a menos que descubramos diretamente a todas essas pessoas ou Eus que vivem dentro de nossa pessoa.

É claro que mediante a auto-observação íntima poderemos ver as pessoas que vivem em nossa psique e que necessitamos eliminar para lograr a transformação radical.

Esta percepção, esta auto-observação, muda fundamentalmente todos os conceitos equivocados que sobre nós mesmo tínhamos, e como resultado evidenciamos o fato concreto de que não possuímos verdadeira individualidade.

Enquanto não nos auto-observemos, viveremos na ilusão de que somos Uno e em consequência nossa vida será equivocada.

Não é possível nos relacionarmos corretamente com nossos semelhantes enquanto não se realize uma mudança Interior no fundo de nossa psique.

Qualquer mudança íntima exige eliminação prévia dos Eus que levamos dentro.

De nenhuma maneira poderíamos eliminar tais Eus se não os observamos em nosso interior.

Aqueles que se sentem Uno, que pensam de si mesmos o melhor, que nunca aceitariam a doutrina dos muitos, tampouco desejam observar aos Eus e portanto qualquer possibilidade de mudança se faz neles impossível.

Não é possível mudar se não se elimina, mas quem se sente possuidor da Individualidade, se aceitasse que debe eliminar, ignoraria realmente o que deve eliminar.

Porém, não devemos esquecer que quem crê ser Uno, auto-enganando-se, crê que sabe o de deve eliminar, mas em verdade nem sequer sabe que não sabe, é um ignorante ilustrado.

Necessitamos "desegoistizar-nos" para "individualizar-nos", mas quem crê que possui a Individualidade é impossível que possa desegoistizar-se.

A Individualidade é sagrada em cem por cento; raros são os que a tem, mas todos pensam que a tem.

Como poderíamos eliminar "Eus", se cremos que temos um "Eu" Único?

Certamente, só quem jamais se auto-observou seriamente pensa que tem um Eu Único.

Porém devemos er muito claros neste ensinamento porque existe o perigo psicológico de confundir a Individualidade autêntica com o con-

ceito de alguma espécie de "Eu Superior" ou algo do estilo.

A Individualidade Sagrada está muito além de qualquer forma de "Eu", é o que é, o que sempre foi e o que sempre será.

A legítima Individualidade é o Ser e a razão de Ser do Ser é o mesmo Ser.

Distinga-se entre o Ser e o Eu. Quem confunde o Eu com o Ser certamente nunca se auto-observou seriamente.

Enquanto continua a Essência, a consciência, embotelhada entre todo esse conjunto de Eus que levamos dentro, a mudança radical será algo mais que Impossível.

Capítulo XVI

O Livro da Vida

Uma pessoa é o que é sua vida. Isso que continua mais além da morte é a vida. Este é o significado do livro da vida que se abre com a morte.

Vista esta questão desde um ponto de vista estritamente psicológico , um dia qualquer de nossa vida é realmente um pequena réplica da totalidade da vida.

De tudo isso, podemos inferir o seguinte: Se um homem não trabalha sobre si mesmo hoje, não mudará nunca.

Quando se afirma que se quer trabalhar sobre si mesmo, e não se trabalha hoje adiando para amanhã, tal afirmação será um simples projeto e nada mais, porque no hoje está a réplica de toda nossa vida.

Exite por aí um dito popular que diz: "Não deixes para amanhã o que se pode fazer hoje mesmo".

Se um homem diz: "Trabalharei sobre mim mesmo, amanhã", nunca trabalhará sobre si mesmo, porque sempre haverá um amanhã.

Isto é muito similar a certo aviso, anúncio ou letreiro que alguns comerciantes põem em suas lojas: "FIADO SÓ AMANHÃ".

Quando algum necessitado chega a solicitar crédito, topa com o terrível aviso, e, se volta ao outro dia, encontra outra vez o desditado anúncio

ou letreiro.

Isso é o que se chama em psicologia "a enfermidade do amanhã". Enquanto o homem diga "amanhã nunca mudará.

Necessitamos com urgência máxima, indispensável, trabalhar sobre si mesmo hoje, não sonhar preguiçosamente em um futuro ou em uma oportunidade extraordinária.

Esses que dizem "Antes vou fazer isto ou aquilo e logo trabalharei", jamais trabalharão sobre si mesmos, esses são os moradores da terra mencionados nas Sagradas Escrituras.

Conheci a um poderoso fazendeiro que dizia: "Necessito primeiro arredondar-me e logo trabalharei sobre mim mesmo".

Quando adoeceu de morte o visitei, então lhe fiz a seguinte pergunta: "Anida queres arredondar-te?"

"Lamento de verdade haver perdido o tempo", respondeu-me. Dias depois morreu, depois de haver reconhecido seu erro.

Aquele homem tinha muitas terras, porém queria assenhorear-se das propriedades vizinhas, "arredondar-se", a fim de que sua fazenda ficasse exatamente limitada por quatro caminhos.

"*Basta a cada dia seu afã*", disse o Grande KABIR JESUS. Auto-observar-nos hoje mesmo é o tocante ao dia sempre recorrente, miniatura de nossa vida inteira.

Quando um homem começa a trabalhar sobre si mesmo, quando hoje mesmo observa seus desgostos e penas, marcha pelo caminho do êxito.

Não seria possível eliminar o que não conhecemos. Antes devemos observar nossos próprios erros.

Necessitamos não só conhecer o nosso dia, mas também a relação com o mesmo. Há certo dia ordinário que cada pessoa experimenta direta-

mente, exceto os acontecimentos insólitos, inusitados.

Resulta interessante observar a recorrência diária, a repetição de palavras e acontecimentos, para cada pessoa, etc.

Essa repetição ou recorrência de eventos e palavras merece ser estudada, nos conduz ao auto-conhecimento.

Capítulo XVII

Criaturas Mecânicas

De maneira nenhuma poderíamos negar a Lei de Recorrência processando-se em cada momento de nossa vida.

Certamente, em cada dia de nossa existência, existe repetição de eventos, estados de consciência, palavra, desejos, pensamentos, volições, etc.

É óbvia que quando a pessoa não se auto-observa, não pode dar-se conta desta incessante repetição diária.

Resulta evidente que quem não sente interesse algum por observar-se a si mesmo, tampouco deseja trabalhar para lograr uma verdadeira transformação radical.

Para o cúmulo dos cúmulos, há pessoas que querem transformar-se sem trabalhar sobre si mesmas.

Não negamos o fato de que cada qual tem direito à real felicidade de espírito, mas também é certo que a felicidade seria algo mais que impossível se não trabalhamos sobre si mesmos.

Pode-se mudar intimamente quando de verdade consegue modificar suas reações ante os diversos fatos que lhe sobrevêm diariamente.

Porém não poderíamos modificar nossa forma de reagir ante os fatos da

vida prática, se não trabalhássemos seriamente sobre nós mesmos.

Necessitamos mudar nossa maneira de pensar, ser menos negligentes, tornarmo-nos mais sérios e tomar a vida em forma diferente, em seu sentido real e prático.

Porém se continuamos assim tal como estamos, comportando-nos da mesma forma todos os dias, repetindo os mesmos erros, com a mesma negligência de sempre, qualquer possibilidade de mudança ficará de fato eliminada.

Se a pessoa de verdade quer chegar a conhecer-se a si mesmo, deve começar por observar sua própria conduta ante os acontecimentos de qualquer dia da vida.

Não queremos dizer com isto que a pessoa não deva observar-se a si mesmo diariamente, só queremos afirmar que se deve começar por observar um primeiro dia.

Em tudo deve haver um começo, e começar por observar nossa conduta em qualquer dia de nossa vida é um bom começo.

Observar nossas reações mecânicas ante todos esses pequenos detalhes de quarto, lar, sala de jantar, casa, rua, trabalho, etc., etc., etc., o que se diz, sente e pensa, é certamente o mais indicado.

O importante é ver logo como ou de que maneira pode-se mudar essas reações; porém, se cremos que somos boas pessoas, que nunca nos comportamos de forma inconsciente e equivocada, nunca mudaremos.

Antes de tudo, necessitamos compreender que somos pessoas-máquinas, simples marionetes controladas por agentes secretos, por Eus ocultos.

Dentro de nossa pessoa vivem muitas pessoas, nunca somos idênticos; às vezes se manifesta em nós uma pessoa mesquinha, outras vezes uma pessoa irritável, em qualquer outro instante uma pessoa esplêndida, be-

nevolente, mais tarde uma pessoa escandalosa ou caluniadora, depois um santo, logo um embusteiro, etc.

Temos gente de toda classe dentro de cada um de nós, Eus de toda espécie. Nossa personalidade não é mais que uma marionete, um boneco falante, algo mecânico.

Comecemos por comportar-nos conscientemente durante uma pequena parte do dia; necessitamos deixar de ser simples máquinas ainda que seja durante por breves minutos diários; isto influirá decisivamente sobre nossa existência.

Marionetes, ilustração de Gustave Doré no Don Quixote De La Mancha

Quando nos Auto-observamos e não fazemos o que tal ou qual Eu quer, é claro que começamos a deixar de ser máquinas.

Um só momento em que se está bastante consciente, como para deixar de ser máquina, se se faz voluntariamente, pode modificar radicalmente muitas circunstâncias desagradáveis.

Desgraçadamente vivemos diariamente uma vida mecanicista, rotineira, absurda. Repetimos acontecimentos, nossos hábitos são os mesmos, nunca temos querido modificá-los, são o trilho mecânico por onde circula o trem de nossa miserável existência, porém pensamos de nós o melhor...

Por onde queira, abundam os “MITÔMANOS”, os que se creem Deuses; criaturas mecânicas, rotineiras, personagens do lodo da terra, míseras marionetes movidos por diversos Eus; pessoas assim não trabalham sobre si mesmas.

Capítulo XVIII

O Pão Supersubstancial

Se observamos cuidadosamente qualquer dia de nossa vida, veremos que certamente não sabemos viver conscientemente.

Nossa vida parece um trem em marcha, movendo-se nos trilhos fixos dos hábitos mecânicos, rígidos, de uma existência vã e superficial.

O curioso do caso é que jamais nos ocorre modificar os hábitos, parece que não nos cansamos de estar repetindo sempre o mesmo.

Os hábitos nos mantêm petrificados, mas pensamos que somos livres; somos espantosamente feios, porém nos cremos Apolos...

Somos pessoas mecânicas, motivo mais que suficiente para carecer de todo sentimento verdadeiro do que se está fazendo na vida.

Nos movemos diariamente dentro do velho trilho de nossos hábitos antiquados e absurdos e assim é claro que não temos uma verdadeira vida; em vez de viver, vegetamos miseravelmente, e não recebemos novas impressões.

Se uma pessoa iniciar seu dia conscientemente, é ostensível que tal dia seria muito distinto aos outros dias.

Quando a pessoa toma a totalidade de sua vida como o mesmo dia que está vivendo, quando não deixa para amanhã o que se deve fazer hoje

mesmo, chega realmente a conhecer o que significa trabalhar sobre si mesmo.

Jamais um dia carece de importância. Se em verdade queremos transformar-nos radicalmente, devemos ver-nos, observar-nos e compreender-nos diariamente.

No entanto, as pessoas não querem ver-se a si mesmas. Alguns tendo ganas de trabalhar sobre si mesmas, justificam sua negligência com frases como a seguinte: "O trabalho do escritório não permite trabalhar sobre si mesmo". Palavras estas sem sentido, ocas, vãs, absurdas, que só servem para justificar a indolência, a preguiça, a falta de amor pela Grande Causa.

Pessoas assim, ainda que tenham muitas inquietudes espirituais, é óbvio que não mudarão nunca.

Observar-nos a nós mesmos é urgente, indispensável, impostergável. A Auto-observação íntima é fundamental para a mudança verdadeira.

Qual é o seu estado psicológico ao levantar-se? Qual é seu estado de ânimo durante o desjejum? Esteve impaciente com o garçom? Com a esposa? Por que esteva impaciente? Que é o que sempre lhe transtorna? etc.

Fumar ou comer menos não é todo a mudança, mas, sim, indica certo avanço. Bem sabemos que o vício e a glutonaria são inumanos e bestiais.

Não está bem que alguém dedicado ao Caminho Secreto tenha um corpo físico excessivamente gordo e com um ventre avultado e fora de toda euritmia de perfeição. Isso indicaria glutonaria, gula e até preguiça.

A vida cotidiana, a profissão, o emprego, ainda que vitais para a existência, constituem o sonho da consciência.

Saber que a vida é um sonho não significa havê-la compreendido. A compreensão vem com a auto-observação e o trabalho intenso sobre si

mesmo.

Para trabalhar sobre si, é indispensável trabalhar sobre sua vida diária, hoje mesmo, e então se compreenderá o que significa aquela frase da Oração do Senhor: "*Dai-nos o Pão nosso de cada dia*".

A frase "Cada Dia" significa o "Pão supersubstancial" em grego ou o "Pão do Alto".

A Gnose dá esse Pão de Vida em duplo sentido de ideias e forças que nos permitem desintegrar erros psicológicos.

Cada vez que reduzimos a poeira cósmica tal ou qual "Eu", ganhamos experiência psicológica, comemos o "Pão da Sabedoria", recebemos um novo conhecimento.

A Gnose nos oferece o "Pão Supersubstancial", o "Pão da Sabedoria", e nos assinala com precisão a nova vida que começa em si mesmo, dentro de si mesmo, aqui e agora.

Agora, bem, ninguém pode alterar sua vida ou mudar coisa alguma relacionada com as reações mecânicas da existência, a menos que conte com a ajuda de novas ideias e receba auxílio Divino.

A Gnoses dá essas novas ideias e ensina o "modus operandi" mediante o qual pode-se ser assistido por Forças Superiores à mente.

Necessitamos preparar os centros inferiores de nosso organismo para receber as ideias e força que vêm dos centros superiores.

No trabalho sobre si mesmo não existe nada depreciável. Qualquer pensamento, por insignificante que seja, merece ser observado. Qualquer emoção negativa, reação, etc., deve ser observada.

Capítulo XIX

O Bom Dono de Casa

Apartar-se dos efeitos desastrosos da vida, nestes tempos tenebrosos, certamente é muito difícil porém indispensável; de outro modo, se é devorado pela vida.

Qualquer trabalho que se faça sobre si mesmo com o propósito de lograr um desenvolvimento anímico e espiritual se relaciona sempre com o isolamento muito bem entendido, pois sob a influência da vida tal como sempre a vivemos não é possível desenvolver outra coisa que a personalidade.

Em modo algum intentamos nos opor ao desenvolvimento da personalidade; obviamente esta é necessária na existência, mas certamente é algo meramente artificial, não é o verdadeiro, o real em nós.

Se o pobre mamífero intelectual equivocadamente chamado homem não se isola, senão que se identifica com todos os acontecimentos da vida prática e desperdiça suas forças em emoções negativas e auto-considerações pessoais e em vão palavrório insubstancial de charla ambígua, nada edificante, nenhum elemento real pode desenvolver-se nele, fora do que pertence ao mundo da mecanicidade.

Certamente, quem quiser de verdade lograr em si o desenvolvimento da Essência, deve chegar a estar hermeticamente fechado. Isso se refere a algo íntimo, estreitamente relacionado com o silêncio.

A frase vem dos antigos tempos, quando se ensinava secretamente uma Doutrina sobre o desenvolvimento interior do homem vinculada com o nome de Hermes.

Se a gente quer que algo real cresça em seu interior, é claro que deve evitar o escape de suas energias psíquicas.

Quando se tem escapes de energia e não está isolado em sua intimidade, é inquestionável que não poderá lograr o desenvolvimento de algo real em sua psique.

A vida ordinária comum e corrente quer nos devorar implacavelmente; nós devemos lutar contra a vida diariamente, devemos aprender a nadar contra a corrente …

Este trabalho vai contra a vida; trata-se de algo muito distinto ao de todos os dias e que no entanto devemos praticar de instante em instante; quero referir-me à Revolução da Consciência.

É evidente que se nossa atitude para com a vida diária é fundamentalmente equivocada; se cremos que tudo deve marchar bem, assim porque sim, virão os desenganos …

As pessoas querem que as coisas lhes saiam bem, "assim porque sim", porque tudo deve marchar de acordo com seus planos, mas a crua realidade é diferente; enquanto não se mude interiormente, goste ou não goste, será sempre vítima das circunstâncias.

Fala-se e escreve-se sobre a vida muitas tolices sentimentais, mas este Tratado de Psicologia Revolucionária é diferente.

Esta Doutrina vai ao grão, aos fatos concretos, claros e definitivos; afirma enfaticamente que o "Animal Intelectual" equivocadamente chamado homem é um bípede mecânico, inconsciente, adormecido.

"O bom dono de casa" jamais aceitaria a Psicologia Revolucionária; cumpre com todos os seus deveres como pai, espoco, etc., e por isso mesmo

pensa de si mesmo o melhor, porém só serve aos fins da natureza e isso é tudo.

Por oposição diremos que também existe "o bom dono de casa" que nada contra a corrente, que não quer deixar-se devorar pela vida; porém estes sujeitos são muito escassos no mundo, não abundam nunca.

Quando se pensa de acordo com as ideias deste *Tratado de Psicologia Revolucionária*, obtém-se uma correta visão da vida.

Capítulo XX

Os Dois Mundos

Observar e observar-se a si mesmo são duas coisas completamente diferentes, no entanto ambas exigem atenção.

Na observação, a atenção é orientada para fora, para o mundo exterior, através das janelas dos sentidos.

Na auto-observação de si mesmo, a atenção é orientada para dentro e para isso os sentidos de percepção externa não servem, motivo este mais que suficiente para que seja difícil ao neófito a observação de seus processos psicológicos íntimos.

O ponto de partida da ciência oficial em seu lado prático é o observável. O ponto de partida do trabalho sobre si mesmo é a auto-observação, o auto-observável.

Inquestionavelmente, esses dois pontos de partida supracitados nos levam a direções completamente diferentes.

Poderia alguém envelhecer enfrascado entre os dogmas intransigentes da ciência oficial, estudando fenômenos externos, observando células, átomos, moléculas, sóis, estrelas, cometas, etc., sem experimentar dentro de si mesmo nenhuma mudança radica.

A classe de conhecimento que transforma interiormente a alguém jamais poderia lograr-se mediante à observação externa.

O verdadeiro conhecimento que realmente pode originar em nós uma mudança interior fundamental tem por base a auto-observação direta de si mesmo.

É urgente dizer a nossos estudantes gnósticos que se observem a si mesmo e em que sentido devem auto-observarem-se e as razões para isso.

A observação é um meio para modificar as condições mecânicas do mundo. A auto-observação interior é um meio para mudar intimamente.

Como consequência ou corolário de tudo isso, podemos e devemos afirmar de forma enfática que existem duas classes de conhecimento, o externo e o interno, e que a menos que tenhamos em nós mesmos o centro magnético que possa diferenciar as qualidades do conhecimento, esta mescla dos dois planos ou ordens de ideias poderia levar-nos à confusão.

Sublimes doutrinas pseudo-esotéricas como marcado cientificismo de fundo pertencem ao terreno do observável, entretanto são aceitas por muitos aspirantes como conhecimento interno.

Nos encontramos, pois, ante dois mundos, o exterior e o interior. O primeiro desses é percebido pelos sentidos de percepção externa; o segundo só pode ser perceptível mediante o sentido da auto-observação interna.

Pensamentos, ideias, emoções, anelos, esperanças, desenganos, etc., são interiores, invisíveis para os sentidos ordinários, comuns e correntes, e no entanto são para nós mais reais que a mesa da sala de jantar ou das poltronas da sala.

Certamente nós vivemos mais em nosso mundo interior que no exterior; isso é irrefutável, irrebatível.

Em nossos Mundos Internos, em nosso mundo secreto, amamos, desejamos, suspeitamos, bendizemos, maldizemos, anelamos, sofremos, gozamos, somos enganados, premiados, etc., etc., etc.

Inquestionavelmente os dos mundos, interno e externo, são verificáveis experimentalmente. O mundo exterior é o observável. O mundo interior é o auto-observável em si mesmo e dentro de si mesmo, aqui e agora.

Quem de verdade que quiser conhecer os "Mundos Internos" do planeta Terra ou do Sistema Solar ou da Galáxia em que vivemos, deve conhecer previamente seu mundo íntimo, sua vida interior, particular, seus próprios "Mundos Internos". "*Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os Deuses*".

Quanto mais se explore este "Mundo Interior" chamado "Si mesmo", tanto mais compreenderá que vive simultaneamente em dois mundos, em duas realidades, em dois âmbitos, o exterior e o interior.

Do mesmo modo que se é indispensável aprender a caminhar no "mundo exterior", para não cair em um precipício, não extraviar-se nas ruas da cidade, selecionar suas amizades, não associar-se com perverso, não comer veneno, etc., assim também mediante ao trabalho psicológico sobre si mesmo aprendemos a caminhar no "Mundo Interior", o qual é explorável mediante à auto-observação de si.

Realmente o sentido da auto-observação de si mesmo encontra-se atrofiado na raça humana decadente desta época tenebrosa em que vivemos.

À medida que nós perseveramos na auto-observação de si mesmos, o sentido da auto-observação íntima irá se desenvolvendo progressivamente.

Capítulo XXI

Observação de si mesmo

A auto-observação íntima de si mesmo é um meio prático para lograr uma transformação radical.

Conhecer e observar são diferentes. Muitos confundem a observação de si com o conhecer. Se conhece que estamos sentados numa cadeira em uma sala, mas isto não significa que estamos observando a cadeira.

Conhecemos que em um instante dado nos encontramos em um estado negativo, talvez com algum problema, ou preocupados por este ou aquele assunto, ou em um estado de desassossego ou incerteza, etc., porém isso não significa que o estamos observando.

Você sente antipatia por alguém? Lhe cai mal certa pessoa? Por quê? Você dirá que conhece essa pessoa... Por favor! Observe-a; conhecer nunca é observar; não confunda o conhecer com o observar...

A observação de si que é cem por cento ativa; é um meio de modificação de si, enquanto conhecer, que é passivo, não o é.

Certamente, conhecer não é um ato de atenção. A atenção dirigida para dentro de si mesmo, para o que está sucedendo em nosso interior, é algo positivo, ativo...

No caso de uma pessoa a quem se tem antipatia assim porque sim, por-

que nos vem em gana e muitas vezes sem motivo algum, adverte-se a multidão de pensamentos que se acumulam na mente, o grupo de vozes que falam e gritam desordenadamente dentro de si mesmo, o que estão dizendo, as emoções desagradáveis que surgem em nosso interior, o sabor desagradável que todo este deixa em nossa psique, etc., etc., etc.

Obviamente, em tal caso, nos damos conta também de que interiormente estamos tratando muito mal à pessoa a quem temos antipatia.

Mas para ver tudo isso se necessita inquestionavelmente de uma atenção dirigida intencionalmente para dentro de si mesmo, não de uma atenção passiva.

A atenção dinâmica provém realmente do lado observante, enquanto os pensamente e as emoções pertencem ao lado observado.

Tudo isso não faz compreender que o conhecer é algo completamente passivo e mecânico, em contraste evidente com a observação de si que é um ato consciente.

Não queremos com isso dizer que não exista a observação mecânica de si, mas tal tipo de observação nada tem a ver com a auto-observação psicológica a que estamos nos referindo.

Pensar e observar resultam também muito diferentes. Qualquer sujeito pode dar-se ao luxo de pensar sobre si mesmo tudo o que queira, porém isso não quer dizer que esteja se observando realmente.

Necessitamos ver aos distintos "Eus" em ação, descobri-los em nossa psique, compreender que dentro de cada um deles existe uma porcentagem de nossa própria consciência, arrepender-nos de havê-los criado, etc.

Então exclamaremos. "Porém o que está fazendo este Eu?" "O que está dizendo?" "O que é que quer?" "Por que me atormenta com sua luxúria?", "Com sua ira?", etc. etc. etc.

Então veremos dentro de si mesmo todo esse trem de pensamentos, emoções, desejos, paixões, comédias privadas, dramas pessoais, mentiras elaboradas, discursos, escusas, morbosidades, leitos de prazer, quadros de lascívia, etc. etc. etc.

Muitas vezes antes de dormirmos, no preciso instante de transição entre vigília e sonho, sentimos dentro de nossa própria mente distintas vozes que falam entre si; são os distintos Eus que devem romper em tais momentos toda conexão com os distintos centros de nossa máquina orgânica a fim de submergir-se logo no mundo molecular, na quinta dimensão.

Capítulo XXII

A Tagarelice

Resulta urgente, indispensável, impostergável, observar a tagarelice interior e o lugar preciso de onde provém.

Inquestionavelmente, a charla interior equivocada é a "Causa Causorum" de muitos estados psíquicos inarmônicos e desagradáveis no presente e também no futuro.

Obviamente, essa vã palavraria insubstancial de charla ambígua e em geral toda conversa prejudicial, daninha, absurda, manifestada no mundo exterior, tem sua origem na conversação interior equivocada.

Sabe-se que existe a Gnose a prática esotérica do silêncio interior; isto o conhecem nossos discípulos de "Terceira Câmara".

Não é demais dizer com inteira claridade que o silêncio interior deve referir-se especificamente a algo muito preciso e definido.

Quando o processo do pensar se esgota intencionalmente durante a meditação interior profunda, logra-se o silêncio interior; mas não é isto o que queremos explicar no presente capítulo.

"Esvaziar a mente" ou "deixá-la em branco" para lograr realmente o silêncio interior, tampouco é o que intentamos explicar agora nestes parágrafos.

Praticar o silêncio interior a que estamos nos referindo tampouco significa impedir que algo penetre na mente.

Realmente estamos falando agora mesmo de um tipo de silêncio interior muito diferente. Não se trata de algo vago, geral...

Queremos praticar o silêncio interior em relação com algo que já esteja na mente, pessoa, acontecimento, assunto próprio ou alheio, o que nos contaram, o que fez fulano, etc., porém sem tocá-lo com a língua interior, sem discurso íntimo...

Aprender a calar não somente com a língua exterior, senão também com a língua secreta, interna, resulta extraordinário, maravilhoso.

Muitos calam exteriormente, mas com sua língua interior esfolam vivo o próximo. A charla interior venenosa e malévola produz confusão interior.

Se se observa a tagarelice interior equivocada, se verá que está feita de meias-verdades ou de verdades que se relacionam entre si de um modo mais ou menos incorreto, ou algo que se agregou ou se omitiu.

Desgraçadamente, nossa vida emocional fundamenta-se exclusivamente na "auto-simpatia".

Para cúmulo de tanta infâmia, só simpatizamos com nós mesmos, com nosso tão "querido Ego", e sentimos antipatia e até ódio com aqueles que não simpatizam como nós.

Nos queremos demasiado a nos mesmos, somos narcisistas em cem por cento, isso é irrefutável, irrebatível.

Enquanto continuemos embotelhados na "auto-simpatia", qualquer desenvolvimento do Ser faz-se algo mais que impossível.

Necessitamos aprender a ver o ponto de vista alheio. É urgente saber pôr-nos na posição dos outros.

"*Assim que todas as coisas que quereis que os homens façam com vós, assim também fazei com eles*". (Mateus 7, 12)

O que verdadeiramente conta nesse estudos é a maneira como os homens comportam-se interna e invisivelmente uns com os outros.

Desafortunadamente e ainda que sejamos muito corteses, até sinceros às vezes, não há dúvida de que invisível e internamente nos tratamos muito mal uns com os outros.

Pessoas aparentemente muito bondosas arrastram diariamente seus semelhantes para a cova secreta de si mesmo para fazer com estes tudo o que se lhes apetece (humilhações, zombaria, escárnio, etc.).

Capítulo XXIII

O Mundo de Relações

O mundo de relações tem três aspectos muito diferentes que em forma precisa necessitamos aclarar.

Primeiro: estamos relacionados com o corpo planetário. Ou seja, com o corpo físico.

Segundo: vivemos no planeta Terra e por consequência lógica estamos relacionados com o mundo exterior e com as questões atinentes a nós, familiares, negócios, dinheiros, questões de ofício, profissão, política, etc. etc. etc.

Terceiro: A relação do homem consigo mesmo. Para a maioria das pessoas, este tipo de relação não tem a menor importância.

Desafortunadamente, às pessoas só lhes interessam os dois primeiros tipos de relações, mirando com a mais absoluta indiferença o terceiro tipo.

Alimento, saúde, dinheiro, negócios, constituem realmente as principais preocupações do "Animal Intelectual" equivocadamente chamado "homem".

Pois bem: Resulta evidente que tanto o corpo físico como os assuntos do mundo são exteriores a nós mesmos.

O Corpo Planetário (corpo físico), às vezes encontra-se enfermo, às vezes são e assim sucessivamente.

Cremos sempre ter algum conhecimento de nosso corpo físico, mas em realidade nem os melhores cientistas do mundo sabem muito sobre o corpo de carne e osso.

Não há dúvida de que o corpo físico dada sua tremenda e complicada organização, está certamente muito mais além da nossa compreensão.

No que diz respeito ao segundo tipo de relações, somos sempre vítimas das circunstâncias. É lamentável que ainda não havemos aprendido a originar conscientemente as circunstâncias.

São muitas as pessoas incapazes de adaptar-se a nada ou a ninguém ou ter êxito verdadeiro na vida.

Ao pensar em nós mesmo desde o ângulo do trabalho esotérico gnóstico, faz-se urgente averiguar com qual destes três tipos de relações estamos em falta.

Pode suceder o caso concreto de que estamos equivocadamente relacionados com o corpo físico e a consequência disso estamos enfermos.

Pode suceder que estejamos mal relacionados com o mundo exterior e como resultado tenhamos conflitos, problemas econômicos e sociais, etc., etc., etc.

Pode ser que estejamos mal relacionados consigo mesmos e que consequentemente soframos muito por falta de iluminação interior.

Obviamente, se a lâmpada de nosso quarto não se encontra conectada à instalação elétrica, nosso aposento estará em trevas.

Aqueles que sofrem por falta de iluminação interior devem conectar sua mente com os Centros Superiores de seu Ser.

Inquestionavelmente necessitamos estabelecer corretas relações não só

com nosso Corpo Planetário (corpo físico) e com o mundo exterior, senão também com cada uma das partes de nosso próprio Ser.

Os enfermos pessimistas, cansados de tantos médicos e medicinas, já não desejam curar-se e os pacientes otimistas lutam por viver.

No casino de Monte Carlo muitos milionários que perderam sua fortuna no jogo se suicidaram. Milhões de mães pobres trabalham para sustentar seus filhos.

São incontáveis os aspirantes deprimidos que por falta de poderes psíquicos e de iluminação íntima renunciaram ao trabalho esotérico sobre si mesmo. Poucos são os que sabem aproveitar as adversidades.

Em tempos de rigorosa tentação, abatimentos e desolação, deve-se apelar à íntima recordação de si mesmo.

Estátua representando Tonantzin exposta no Museu Nacional das Intervenções, Cidade do México

No fundo de cada um de nós está a TONANTZIN Asteca, a STELLA MARIS, a ÍSIS Egípcia, Deus Mãe, aguardando-nos para sanar nosso dolorido coração.

Quando a pessoa se dá o choque do “Recordo de si”, produz-se realmente uma mudança milagrosa em todo o trabalho do corpo, de modo que as células recebem um alimento diferente.

Capítulo XXIV

A Canção Psicológica

Chegou o momento de refletir muito seriamente sobre isso que se chama “consideração interna”.

Não cabe a menor dúvida sobre o aspecto desastroso da “auto-consideração íntima”. Esta, além de hipnotizar a consciência, nos faz perder muitíssima energia.

Se não se cometesse o erro de identificar-se tanto consigo mesmo, a auto-consideração interior seria algo mais que impossível.

Quando a gente se identifica consigo mesmo, se quer demasiado, sente piedade por si mesmo, se auto-considera, pensa que sempre se portou muito bem com fulano, com sicrano, com a mulher, com os filhos, etc., e que ninguém o soube apreciar, etc. Total, é um santo e todos os demais uns malvados, uns canalhas.

Uma das formas mais correntes de auto-consideração íntima é a preocupação pelo que outros possam pensar sobre a gente; talvez suponham que não somos honrados, sinceros, verdadeiros, valentes, etc.

O mais curioso de tudo isso é que ignoramos lamentavelmente a enorme perda de energia que essa classe de preocupações nos traz.

Muitas atitudes hostis para com certas pessoas que nunca nenhum mal nos fez se devem precisamente a tais preocupações nascidas da

auto-consideração íntima.

Nessas circunstâncias, querendo-se tanto a si mesmo, auto-considerando-se deste modo, é claro que o EU, ou melhor dizendo, os Eus, em vez de extinguirem-se, se fortificam então espantosamente.

Identificado consigo mesmo, a pessoa se apieda muito da sua própria situação e até lhe dá por fazer contas.

Assim é como pensa que fulano, que sicrano, que o compadre, que a comadre, que o vizinho, que o patrão , que o amigo, etc., etc., etc., não lhe pagou como é devido apesar de todas suas consabidas bondades e embotelhado nisso se torna insuportável e aborrecedor para todo mundo.

Com um sujeito assim, praticamente não se pode falar porque qualquer conversação é certo que vai parar no seu livro de contas e em seus tão cacarejados sofrimentos.

Escrito está que no trabalho esotérico Gnóstico só é possível o crescimento anímico mediante o perdão aos outros.

Se alguém vive de instante em instante, de momento em momento, sofrendo pelo que lhe devem, pelo que lhe fizeram, pelas amarguras que lhe causaram, sempre com sua mesma canção, nada poderá crescer em seu interior.

A Oração do Senhor disse: "*Perdoai as nossas dívidas, assim como nós perdoamos a nossos devedores*".

O sentimento de que devem a gente, a dor pelos males que outros lhe causaram, etc., detêm todo progresso interior da alma.

Jesus, o Grande KABIR, disse: "*Põe-te de acordo com teu adversário logo, enquanto estás com ele no caminho, não seja que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz ao aguazil, e seja jogado na prisão; de certo vos digo que não sairás dali, até que pagues o último quadrante*" (Mateus: 5, 25-26).

Se nos devem, devemos. Se exigimos que nos pague até o último denário, devemos pagar antes até o último quadrante.

Essa é a "Lei do Talião", "Olho por olho e dente por dente". "Círculo vicioso" absurdo.

As desculpas, a grande satisfação e as humilhações que a outros exigimos pelos males que nos causaram, também a nós nos são exigidas ainda que nos consideremos mansas ovelhas.

Colocar-se sob lei desnecessárias é absurdo, melhor é por-se a si mesmo sob novas influências.

A Lei da Misericórdia é uma influência mais elevada que a Lei do homem violento: "Olho por olho, dente por dente".

É urgente, indispensável, inadiável, colocar-nos inteligentemente sob as influências maravilhosas do trabalho esotérico Gnóstico, esquecer que nos devem e eliminar de nossa psique qualquer forma de auto-consideração.

Jamais devemos admitir dentro de nós sentimentos de vingança, ressentimento, emoções negativas, ansiedades pelos males que nos causaram, violência, inveja, incessante recordação de dívidas, etc., etc., etc.

A Gnose está destinada àqueles aspirantes sinceros que verdadeiramente querem trabalhar e mudar.

Se observamos as pessoas, podemos evidenciar de forma direta que cada pessoa tem sua própria canção.

Cada qual canta a sua própria canção psicológica. Quero referir-me de forma enfática a essa questão das contas psicológicas, sentir que devem a gente, queixar-se, auto-considerar-se, etc.

Às vezes as pessoas "cantam sua canção, assim porque sim", sem que se lhe dê corda, sem que se lhe alente e em outras ocasiões depois de umas

quantas taças de vinho…

Nós dizemos que nossa aborrecedora canção deve ser eliminada; esta nos incapacita interiormente, nos rouba muita energia.

Em questões de Psicologia Revolucionária alguém que canta demasiado bem (não estamos nos referindo à formosa voz, nem ao canto físico), certamente não pode ir mais além de si mesmo, fica-se no passado…

Uma pessoa impedida por tristes canções não pode mudar seu Nível de Ser; não pode ir mais além do que é.

Para passar a um Nível Superior do Ser é preciso deixar de ser o que se é; necessitamos não ser o que somos.

Se continuamos sendo o que somos, nunca poderemos passar a um Nível Superior do Ser.

No terreno da vida prática sucedem coisas insólitas. Muito amiúde uma pessoa qualquer trava amizade com outra, só porque lhe é fácil cantar-lhe a sua canção.

Desafortunadamente, tal classe de relações termina quando o cantor lhe pede que se cale, que mude o disco, que fale de outra coisa, etc.

Então o cantor ressentido vai em busca de um novo amigo, de alguém que esteja disposto a escutar-lhe por tempo indefinido.

Compreensão exige o cantor, alguém que o compreenda, como se fora tão fácil compreender outra pessoa.

Para compreender outra pessoa é preciso compreender-se a si mesmo. Desafortunadamente, o bom cantor crê que compreende a si mesmo.

São muitos os cantores decepcionados que cantam a canção do não serem compreendidos e sonham com um mundo maravilhoso onde eles são as figuras centrais.

Contudo, não todos os cantores são públicos, também há os reservados; não cantam sua canção diretamente, mas secretamente a cantam.

São pessoas que trabalharam muito, que sofreram demasiado, sentem-se defraudadas, pensam que a vida lhes deve tudo aquilo que nunca foram capazes de lograr.

Sentem em geral um tristeza interior, uma sensação de monotonia e espantoso aborrecimento, cansaço íntimo ou frustração a cujo ao redor se amontoam os pensamentos.

Inquestionavelmente, as canções secretas nos tolhem o passo no caminho da auto-realização íntima do Ser.

Desgraçadamente, tais canções interiores secretas passam desapercebidas para si mesmos a menos que intencionalmente as observemos.

Obviamente, toda observação de si deixa penetrar a luz em si mesmo, em suas profundidades íntimas.

Nenhuma mudança interior poderia ocorrer em nossa psique a menos que seja levada a luz da observação de si.

É indispensável observar-se a si mesmo estando só, do mesmo modo que ao estar em relação com as pessoas.

Quando se está só, “Eus” muito diferentes, pensamentos muito distintos, emoções negativas, etc., se apresentam.

Nem sempre se está bem acompanhado quando se está só. É apenas normal, é muito natural estar muito mal acompanhado em plena solidão. Os “Eus” mais negativos e perigosos se apresentam quando se está só.

Se queremos transformar-nos radicalmente necessitamos sacrificar nossos próprios sofrimentos.

Muitas vezes expressamos nossos sofrimentos em canções articuladas ou inarticuladas.

Capítulo XXV

Retorno e Recorrência

Um homem é o que é sua vida; se um homem não modifica nada dentro de si mesmo, se não transforma radicalmente sua vida, se não trabalha sobre si mesmo, está perdendo seu tempo miseravelmente.

A morte é o regresso ao começo mesmo de sua vida com a possibilidade de repeti-la novamente.

Muito foi dito na literatura pseudo-esotérica e pseudo-ocultista sobre o tema das vidas sucessivas, melhor é que nos ocupemos das existências sucessivas.

A vida de cada um de nós com todos seus tempos é sempre a mesma repedindo-se de existência em existência, através de inumeráveis séculos.

Inquestionavelmente, continuamos na semente de nossos descendentes; isto é algo que já está demostrado.

A vida de cada um de nós em particular é um filme vivente que ao morrer nós levamos à eternidade.

Cada um de nós leva seu filme e a volta a trazer para projetá-lo outra vez na tela de uma nova existência. A repetição de dramas, comédias e tragédias é um axioma fundamental da Lei de Recorrência.

Em cada nova existência se repetem sempre as mesmas circunstâncias.

Os atores de tais cenas sempre repetidas são essas pessoas que vivem dentro de nosso interior, os “Eus”.

Se desintegramos esses atores, esses “Eus” que originam as sempre repetidas cenas de nossa vida, então a repetição de tais circunstâncias se faria algo mais que impossível.

Obviamente, sem atores não pode haver cenas; isto é algo irrebatível, irrefutável.

Assim como poderemos libertar-nos das Leis de Retorno e Recorrência; assim poderemos fazer-nos livres de verdade.

Obviamente, cada um dos personagens (Eus) que em nosso interior levamos repete de existência em existência sem mesmo papel; se o desintegramos, se o ator morre, o papel conclui.

Refletindo seriamente sobre a Lei de Recorrência ou repetição de cenas em cada Retorno, descobrimos por auto-observação íntima os recursos secretos desta questão.

Se na passada existência à idade de vinte e cinco (25) anos tivemos uma aventura amorosa, é indubitável que o “Eu” de tal compromisso buscará a dama de seus sonhos aos vinte e cinco (25) anos da nova existência.

Se a dama em questão então só tinha quinze (15) anos, o “Eu” de tal aventura buscará seu amado na nova existência à mesma idade justa.

Resulta claro compreender que os dois “Eus”, tanto o dele como o dela, se busquem telepaticamente e se reencontrem novamente para repetir a mesma aventura amorosa da passada existência…

Dois inimigos que à morte pelejaram na passada existência, se buscarão outra vez na nova existência para repetir sua tragédia à idade correspondente.

Se duas pessoa tiveram um pleito por um imóvel à idade de quarenta (40)

anos na passada existência, à mesma idade se buscarão telepaticamente na nova existência para repetir o mesmo.

Dentro de cada um de nós vivem muitas pessoas cheias de compromissos; isso é irrefutável.

Um ladrão carrega em seu interior um antro de ladrões com diversos compromissos delituosos. O assassino leva dentro de si mesmo um "clube" de assassinos e o luxurioso porta em sua psique uma "casa de encontros".

O grave de tudo isso é que o intelecto ignora a existência de tais pessoas ou "Eus" dentro de si mesmo e de tais compromissos que fatalmente vão se cumprindo.

Todos esses compromissos dos Eus que dentro de nós moram sucedem-se por debaixo de nossa razão.

São fatos que ignoramos, coisas que nos sucedem, acontecimentos que se processam no subconsciente e inconsciente.

Com justa razão foi-nos dito que tudo nos sucede, como quando chove ou quando troveja.

Realmente, temos a ilusão de fazer, porém nada fazemos, nos sucede, isso é fatal, mecânico…

Nossa personalidade é tão só um instrumento de distintas pessoas (Eus), mediante o qual cada uma dessas pessoas (Eus), cumpre seus compromissos.

Por debaixo de nossa capacidade cognoscitiva sucedem muitas coisas; desgraçadamente ignoramos o que por debaixo de nossa pobre razão sucede.

Nos cremos sábios quando em verdade nem sequer sabemos que não sabemos. Somos míseros lenhos arrastados pelas embravecidas ondas

do mar da existência.

Sair desta desgraça, desta inconsistência, do estado tão lamentável em que nos encontramos só é possível morrendo em si mesmos…

Como poderíamos despertar sem morrer previamente? Só com a morte advêm o novo! Se o germe não morre, a planta não nasce.

Quem desperta de verdade adquire por tal motivo plena objetividade de sua consciência, iluminação autêntica, felicidade…

Capítulo XXVI

Auto-consciência Infantil

Nos foi dito muito sabiamente que temos noventa e sete por cento de SUBCONSCIÊNCIA e TRÊS POR CENTO DE CONSCIÊNCIA.

Falando francamente e sem rodeios, diremos que o noventa e sete por cento da Essência que em nosso interior levamos se encontra engarrafada, embutida, metida dentro de cada um dos Eus que em su conjunto constituem o "Mim Mesmo".

Obviamente a Essência ou Consciência enfrascada entre cada Eu se processa em virtude de seu próprio condicionamento.

Qualquer Eu desintegrado libera determinada porcentagem de Consciência. A emancipação ou liberação da Essência ou Consciência seria impossível sem a desintegração de cada Eu.

Maior quantidade de Eus desintegrados, maior Auto-consciência. Menor quantidade de Eus desintegrados, menor porcentagem de Consciência desperta.

O despertar da Consciência só é possível dissolvendo o Eu, morrendo em si mesmo, aqui e agora.

Inquestionavelmente, enquanto a Essência ou Consciência esteja embutida entre cada um dos Eus que carregamos em nosso interior, se encontra adormecida, em estado subconsciente.

É urgente transformar o subconsciente em consciente e isso só é possível aniquilando os Eus, morrendo em si mesmo.

Não é possível despertar sem haver morrido previamente em si mesmo. Aqueles que intentam despertar primeiro para morrer depois não possuem experiência real do que afirmam, marcham resolutamente pelo caminho do erro.

Os bebês recém-nascidos são maravilhosos, gozam de plena auto-consciência; encontram-se totalmente despertos.

Dentro do corpo do bebê recém-nascido encontra-se reincorporada a Essência e isso dá à criatura sua beleza.

Não queremos dizer que o cem por cento da Essência ou Consciência esteja reincorporada no recém-nascido, porém sim o três por cento livre que normalmente não está enfrascado entre os Eus.

Entretanto, essa porcentagem de Essência livre reincorporada entre o organismo dos bebês recém-nascidos lhes dá plena auto-consciência,lucidez, etc.

Os adultos veem o recém-nascido com piedade, pensam que a criatura se encontra inconsciente, porém se equivocam lamentavelmente.

O recém-nascido vê o adulto tal como em realidade é: inconsciente, cruel, perverso, etc.

Os Eus do recém-nascido vão e vem, dão voltas ao redor do berço, querendo meter-se no novo corpo, porém devido a que o recém-nascido ainda não fabricou a personalidade, todo intento dos Eus para entrar no novo corpo resulta algo mais que impossível.

Às vezes as criaturas se espantam ao ver esses fantasmas ou Eus que se acercam do seu berço e então gritam, choram, porém os adultos não entendem isso e supoem que o bebê está enfermo ou que tem fome ou sede; tal é a inconsciência dos adultos.

À medida que a nova personalidade vai se formando, os Eus que vêm de existências anteriores vão penetrando pouco a pouco no novo corpo.

Quando já a totalidade dos Eus se reincorporou, aparecemos no mundo com essa horrível feiura interior que nos caracteriza; então andamos como sonâmbulos por todas as partes; sempre inconscientes, sempre perversos.

Quando morremos, três coias vão ao sepulcro: 1) O corpo físico, 2) O fundo vital orgânico, 3) A personalidade.

O fundo vital, qual fantasma, vai se desintegrando pouco a pouco em frete à fossa sepulcra à medida que o corpo físico também vai se desintegrando.

A personalidade é subconsciente ou infraconsciente, entra e sai do sepulcro cada vez que quer, alegra-se quando os dolentes lhe levam flores, ama seus familiares e vai se dissolvendo muito lentamente até converter-se em poeira cósmica.

Isso que continua mais além do sepulcro é o EGO, o Eu pluralizado, o mim mesmo, um montão de diabos dentro dos quais encontra-se enfrascada a Essência, a Consciência, que a seu tempo e a sua hora retorna, reincorpora-se.

Resulta lamentável que ao se fabricar a nova personalidade da criança, reincorporam-se também os Eus.

Capítulo XXVII

O Publicano e o Fariseu

Refletindo um pouco sobre as diversas circunstâncias da vida, bem vale a pena compreender seriamente as bases sobre as quais descansamos.

Uma pessoa descansa sobre sua posição, outra sobre o dinheiro, aquela sobre o prestígio, esta outra sobre seu passado, esta outra sobre tal ou qual título, etc., etc., etc.

O mais curioso é que todos, seja rico ou mendicante, necessitamos de todos e vivemos de todos, ainda que estejamos inflados de orgulho e vaidade.

Pensemos por um momento no que possam tirar-nos. Qual seria nossa sorte em uma revolução de sangue e aguardente? Em que ficariam as bases sobre as quais descansamos? Ai de nós! Nos cremos muito fortes e somos espantosamente débeis!

O "Eu" que sente em si mesmo a base sobre a qual descansamos, deve ser dissolvido se é que em realidade anelamos a autêntica Bem-aventurança.

Tal "Eu" subestima as pessoas, sente-se melhor que todo mundo, mais perfeito em tudo, mais rico, mais inteligente, mais experto na vida, etc.

Resulta muito oportuno citar agora aquela parábola de Jesus, o Grande

KABIR, acerca dos dois homens que oravam. Foi dita a uns que confiavam em si mesmos como justos e menosprezavam os outros.

Jesus, o Cristo, disse: *"Dois homens subiram ao Templo para orar; um era Fariseu e o outro Publicano. O Fariseu, posto em pé, orava consigo mesmo desta maneira:*

— Deus, te dou graças porque não sou como os demais homens: ladrões, injustos, adúlteros, nem mesmo como este Publicano. Jejuo duas vezes por semana, dou dízimo de tudo o que ganho.

Mas o publicano, estando distante, não queria nem alçar os olhos ao céu, senão que se golpeava no peito, dizendo:

— Deus, seja propício a mim, pecador.

Vos digo que este desceu à sua casa justificado antes que o outro; porque qualquer que se enaltece será humilhado, e o que se humilha será enaltecido" (Lucas 18, 10-14).

Começar a dar-se conta da própria nulidade e miséria em que nos encontramos é absolutamente impossível enquanto exista em nós esse conceito de "Mais". Exemplos: Eu sou mais justo que aquele, mais sábio que fulano, mais virtuoso que sicrano, mais rico, mais experto nas coisas da vida, mais casto, mais cumpridor dos deveres, etc., etc., etc.

Não é possível passar através do olho de uma agulha enquanto sejamos "ricos", enquanto em nós exista esse complexo de "Mais".

"*É mais fácil passar um camelo pelo olho de uma agulha que entrar um rico no reino de Deus."*

Isso de que tua escola é a melhor e que a de meu próximo não serve; isso de que tua religião é a única verdadeira e que todas as demais são falas e perversas; isso de que a mulher de fulano é uma péssima esposa e que a minha é uma santa; isso de que meu amigo Roberto é um alcoólatra e que eu sou um homem muito judicioso e abstêmio, etc., etc., etc., é o que

nos faz sentirmos ricos; motivo pelo qual somos todos os “CAMELOS” da parábola bíblica com relação ao trabalho esotérico.

É urgente auto-observar-nos de momento em momento como o propósito de conhecer claramente os fundamentos sobre os quais descansa.

Quado se descobre aquilo que mais lhe ofende em um instante dado; a moléstia que lhe deram por tal ou qual coisa; então descobre as bases sobre as quais descansa psicologicamente.

Tais bases constituem segundo o Evangelho Cristão “*as areias sobre as quais edificou sua casa*”.

É necessário anotar cuidadosamente como e quando deprecio outros sentindo-se superior talvez devido ao título ou à posição social ou à experiência adquirida ou ao dinheiro, etc., etc., etc.

Grave é sentir-se rico, superior a fulano ou a sicrano por tal ou qual motivo. Gente assim não pode entrar no Reino dos Céus.

Bom é descobrir em que se sente um abastado, em que é satisfeita sua vaidade, isso virá a mostrar-nos nos fundamentos sobre os quais nos apoiamos.

No entanto, tal classe de observação não deve ser questão meramente teórica; devemos ser páticos e observar-nos cuidadosamente em forma direta, de instante em instante.

Quando se começa a compreender sua própria miséria e nulidade; quando abandona os delírios de grandeza; quando descobre a nescidade de tantos títulos, honras e vãs superioridades sobre nossos semelhantes, é sinal inequívoco de que já começa a mudar.

Não se pode mudar se se aferra a isso que diz: “Minha casa”, “Meu dinheiro”, “Minhas propriedades”, “Meu emprego”, “Minhas virtudes”, “Minhas capacidades intelectuais”,“ Minhas capacidades artísticas”, “Meus conhecimentos”, “Meu prestígio”, etc., etc., etc.

Isso de aferrar-se ao "Meu" ou a "Mim" é mais que suficiente como para impedir reconhecer nossa própria nulidade e miséria interior.

A gente se assombra ante o espetáculo de um incêndio ou de um naufrágio; então as pessoas desesperadas se apoderam muitas vezes de coisas que dão riso, coisas sem importância.

Pobres pessoas! Sentem-se nessas coisas, descansam em tonterias, apegam-se a isso que não tem a menor importância.

Sentir-se a si mesmo por meio das coisas exteriores, fundamentar-se nelas, equivale a estar em estado de absoluta inconsciência.

O sentimento da "SEIDADE", (O SER REAL), só é possível dissolvendo a todos esses "EUS" que em nosso interior levamos; antes, tal sentimento resulta algo mais que impossível.

Desgraçadamente, os adoradores do "EU" não aceitam isso; eles creem--se deuses; pensam que já possuem esses "Corpos Gloriosos" de que falara Pablo de Tarso; suponham que o "Eu" é Divino e não há quem lhes tire tais absurdos da cabeça.

Não se sabe o que fazer com tais pessoas; se lhes explica e não entendem; sempre aferrados às areias sobre as quais edificaram sua casa; sempre metidos em seus dogmas, em seus caprichos, em suas nescidades.

Se essas pessoas se auto-observassem seriamente, verificariam por si mesmas a doutrina dos muitos; descobririam dentro de si mesmos toda essa multiplicidade de pessoas ou "Eus" que vivem dentro de nosso interior.

Como poderia existir em nós o real sentimento de nosso verdadeiro SER, quando esses "Eus" estão sentindo por nós, pensando por nós?

O mais grave de toda essa tragédia é que a gente pensa que está pensando, sente que está sentindo, quando em realidade é outro o que em um momento dado pensa com nosso martirizado cérebro e sente com

nosso dolorido coração.

Infelizes de nós! Quantas vezes cremos estar amando e o que sucede é que outro dentro de nós mesmos cheio de luxúria utiliza o centro do coração.

Somos uns desaventurados! Confundimos a paixão animal com o amor! E no entanto é outro dentro de nós mesmos, dentro de nossa personalidade, que passa por tais confusões.

Todos pensamos que jamais pronunciaríamos aquelas palavras do Fariseu na parábola bíblica: "*Deus, te dou graças porque não sou como os outros homens*", etc., etc., etc.

Entretanto, e ainda que pareça incrível, assim procedemos diariamente. O vendedor de carne no mercado diz: "*Eu não sou como os outros açougueiros que vendem carne de má qualidade e exploram às pessoas*".

O vendedor de leite afirma: "*Eu não sou como outros vendedores de leite que põem água no mesmo. Me agrada ser honrado*".

A dona de casa comenta com a visita o seguinte: "*Eu não sou como fulana que anda com outros homens; sou, graças a Deus, pessoa decente e fiel a meu marido*".

Conclusão: Os demais são malvados, injustos, adúlteros, ladrões e perversos, e cada um de nós uma mansa ovelha, um 'santinho de chocolate" bom de ter como um menino de ouro em alguma igreja.

Quão néscio somos! Pensamos frequentemente que nunca fazemos todas essas tonterias e perversidades que vemos fazer os outros e chegamos por tal motivo à conclusão de que somos magníficas pessoas; desgraçadamente não vemos as tolices e mesquinharias que fazemos.

Existem raros momentos na vida em que a mente sem preocupações de nenhuma classe repousa. Quando a mente está quieta, quando a mente está em silêncio advêm então o novo.

Em tais instantes é possível ver as bases, os fundamentos sob os quais descansamos.

Estando a mente em profundo repouso interior, podemos verificar por si mesmos a crua realidade dessa areia da vida, sobre a qual edificamos a casa (Veja-se Mateus 7, 24-29, a parábola que trata dos dois alicerces).

Capítulo XXVIII

A Vontade

A "Grande Obra" é, antes de tudo, a criação do homem por si mesmo, à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários.

A "Grande Obra"é a conquista interior de si mesmo, de nossa verdadeira liberdade em Deus.

Necessitamos com urgência máxima, indispensável, desintegrar todos esses "Eus" que vivem em nosso interior se é que em realidade queremos a emancipação perfeita da Vontade.

Nicolas Flamel e Raimundo Lúlio, ambos pobres, liberaram sua vontade e realizaram inumeráveis prodígios psicológicos que assombram.

Agripa não chegou mais que à primeira parte da "Grande Obra" e morreu penosamente, lutando na desintegração de seus "Eus" com o propósito de possuir-se a si mesmo e fixar sua independência.

A emancipação perfeita da vontade assegura ao sábio o império absoluto sobre o Fogo, o Ar, a Água e a Terra.

A muitos estudantes de Psicologia contemporânea parecerá exagerado o que anteriormente afirmamos em relação com o poder soberano da vontade emancipada; no entanto, a Bíblia nos fala maravilhas sobre Moisés.

Segundo Filón, Moisés era um Iniciado na terra dos Faraós às margens

do Nilo, Sacerdote de Osíris, primo do Faraó, educado entre as colunas de ÍSIS, a Mãe Divina, e de OSÍRIS, nosso Pai que está em secreto.

Moisés era descendente do Patriarca Abraão, o grande Mago caldeu, e do muito respeitável Isaac.

Moisés, o homem que liberou o poder elétrico da vontade, possuiu o dom dos prodígios; isto o sabem os divinos e os humanos. Assim está escrito.

Tudo o que as Sagradas Escrituras dizem sobre esse caudilho hebreu é certamente extraordinário, portentoso.

Moisés transforma seu bastão em serpente, transforma uma de suas mãos em mão de leproso, e logo lhe devolve a vida.

Aquela prova da sarça ardente deixou claro seu poder, as pessoas compreendem, ajoelham-se e prosternam-se.

Moisés utiliza uma vara mágica, emblema do poder real, do poder sacerdotal do Iniciado nos Grandes Mistérios da Vida e da Morte.

Ante o Faraó, Moisés muda em sangue a água do Nilo, os peixes morrem, o rio sagrado fica infectado, os egípcios não podem beber dele, e as irrigações do Nilo derramam sangue pelos campos.

Moisés fez mais: logra que apareçam milhares de rãs desproporcionais, gigantescas, monstruosas, que saem do rio e invadem as casas. Logo, sob seu gesto, indicador de uma vontade livre e soberana, aquelas rãs horríveis desaparecem.

Mas como o Faraó não deixa livre aos israelitas, Moisés obra novos prodígios: cobre a terra de sujeiras, suscita nuvens de moscas asquerosas e imundas, que depois se dá o luxo de apartar.

Desencadeia a espantosa peste, e todos os rebanhos, exceto os dos judeus, morrem.

Colhendo fuligem do forno — dizem as Sagradas Escrituras – a joga ao ar e, caindo sobre os egípcios, lhes causa pústulas e úlceras.

Estendendo seu famoso bastão mágico, Moisés faz chover um granizo do céu que de forma inclemente destrói e mata. Em continuação, faz estalar o raio flamígero, retumba o trovão aterrador e chove espantosamente; logo com um gesto devolve a calma.

No entanto, o Faraó continua inflexível. Moisés, com um golpe tremendo de sua vara mágica, faz surgir como por encanto nuvens de gafanhotos, logo vem trevas. Outro golpe com a vara e tudo retorna à ordem original.

Muito conhecido é o final de todo aquele Drama Bíblico do Antigo Testamento: Intervém Jehová, faz morrer a todos os primogênitos dos egípcios e ao Faraó não resta mais remédio que deixar marchar os hebreus.

Posteriormente Moisés se serve de sua vara mágica para fender as águas do Mar Vermelho e atravessar a pé seco.

Quando os guerreiros egípcios se precipitam por ali perseguindo aos israelitas, Moisés com um gesto faz que as águas tornem-se a fechar, tragando os perseguidores.

Inquestionavelmente, muito pseudo-ocultistas, ao ler tudo isso, quiseram fazer o mesmo, ter os mesmos poderes de Moisés, no entanto isso resulta algo mais que impossível enquanto a vontade continue embotelhada entre todos e cada um desses "Eus" que nos distintos transfundos de nossa psique carregamos.

A Essência embutida entre o "Mim mesmo" é o Gênio da lâmpada de Aladim, anelando liberdade… Liberto tal Gênio, pode realizar prodígios.

A Essência é "Vontade-Consciência" desgraçadamente processando-se em virtude de nosso próprio condicionamento.

Quando a Vontade se libera, então se mesca ou funde-se integrando-se

assim com a Vontade Universal, fazendo-se por isto soberana.

A Vontade individual fundida com a Vontade Universal pode realizar todos os prodígios de Moisés.

Existem três classes de atos: A) Aqueles que correspondem à Lei dos acidentes, B) Esses que pertencem à Lei de Recorrência, atos sempre repetidos em cada existência; C) Ações determinadas intencionalmente pela Vontade-Consciente.

Inquestionavelmente só pessoas que liberaram sua Vontade mediante a morte do “Mim mesmo’ poderão realizar atos novos nascidos do seu livre arbítrio.

Os atos comuns e correntes da humanidade são sempre o resultado da Lei de Recorrência ou o mero produto de acidentes mecânicos.

Quem possui vontade livre de verdade pode originar novas circunstâncias; quem tem sua vontade embotelhada entre o “Eu Pluralizado” é vítima das circunstâncias.

Em todas as páginas bíblicas existe uma exposição maravilhosa de Ata Magia, Vidência, Profecia, Prodígios, Transfigurações, Ressurreição de mortos, seja por insuflação ou por imposição de mãos ou pela mirada fixa sobre o nascimento do nariz, etc., etc., etc.

Abunda na Bíblia a massagem, o azeite sagrado, os passes magnéticos, a aplicação de um pouco de saliva sobre parte enferma, a leitura do pensamento alheio, os transportes, as aparições, as palavras vindas do céu, etc., etc., etc. verdadeiras maravilhas da Vontade Consciente libertadas, emancipada, soberana.

Bruxos? Feiticeiros? Magos Negros? Abundam como a erva má; porém esses não são santos, nem Profetas, nem Adeptos da Branca Irmandade.

Ninguém poderia chegar à “Iluminação Real” nem exercer o Sacerdócio Absoluto da Vontade Consciente se previamente não houvesse morrido

radicalmente em si mesmo, aqui e agora.

Muitas pessoas nos escrevem frequentemente queixando-se de não possuir Iluminação, pedindo poderes, exigindo-nos chaves que lhes convertam em Magos, etc., etc., etc., porém nunca se interessam por auto-observar-se, por auto-conhecer-se, por desintegrar esses agregados psíquicos, esses “Eus” dentro dos quais se encontra enfrascada a Vontade, a Essência.

Pessoas assim, obviamente, estão condenadas ao fracasso. São gentes que cobiçam as faculdades dos Santos, porém de nenhuma maneira estão dispostas a morrer em si mesmas.

Eliminar erros é algo mágico, maravilhoso por si mesmo, que implica rigorosa auto-observação psicológica.

Exercer poderes é algo possível quando se libera radicalmente o poder maravilhoso da Vontade.

Desgraçadamente, como as pessoas têm a vontade enfrascada entre cada “Eu”, obviamente aquela encontra-se dividida em múltiplas vontades que se processam cada uma em virtude de seu próprio condicionamento.

Resulta claro compreender que cada “Eu” possui por tal causa sua vontade inconsciente, particular.

As inumeráveis vontades enfrascadas entre os “Eus” chocam entre si frequentemente, fazendo-nos por tal motivo impotentes, débeis, miseráveis, vítimas das circunstâncias, incapazes.

Capítulo XXIX

A Decapitação

À medida que se trabalha sobre si mesmo, vai compreendendo cada vez mais e mais a necessidade de eliminar radicalmente de sua natureza interior tudo isso que nos faz tão abomináveis.

As piores circunstâncias da vida, as situações mais críticas, os fatos mais difíceis, resultam sempre maravilhosos para o auto-descobrimento íntimo.

Nesses momentos insuspeitos, críticos, afloram sempre e quando menos pensamos os Eus mais secretos; se estamos alertas, inquestionavelmente nos descobrimos.

As épocas mais tranquilas da vida são precisamente as menos favoráveis para o trabalho sobre si mesmo.

Existem momentos da vida demasiado complicados em que a pessoa tem marcada tendência a identificar-se facilmente com os sucessos e a olvidar-se completamente de si mesmo; nesses instantes faz-se tolices que a nada conduzem; se estivesse alerta, se nesses mesmos momentos, em vez de perder a cabeça, recordasse de si mesmo, descobriria com assombro certos Eus dos quais jamais teve nem a mais mínima suspeita de sua possível existência.

O sentido da auto-observação íntima se encontra atrofiado em todo ser

humano. Trabalhando seriamente, auto-observando-se de momento em momento, tal sentido se desenvolverá de forma progressiva.

À medida que o sentido de auto-observação prossiga seu desenvolvimento mediante o uso contínuo, iremos nos fazendo cada vez mais capazes de perceber de forma direta aqueles Eus sobre os quais jamais tivemos dado algum relacionado com sua existência.

Ante o sentido de auto-observação íntima, cada um dos Eus que em nosso interior habita assume realmente esta ou aquela figura secretamente afim com o defeito personificado pela mesma. Indubitavelmente, a imagem de cada um desses Eus tem certo sabor psicológico inconfundível mediante o qual apreendemos, capturamos, apanhamos instintivamente sua natureza íntima e o defeito que lhe caracteriza.

Em princípio, o esoterista não sabe por onde começar, sente a necessidade de trabalhar sobre si mesmo porém se acha completamente desorientado.

Aproveitado os momentos críticos, as situações mais desagradáveis, os instantes mais adversos, se estamos alertas, descobriremos nossos defeitos sobressalientes, os Eus que devemos desintegrar urgentemente.

Às vezes, pode começar pela ira ou pelo amor-próprio, ou pelo desditado segundo de luxúria, etc., etc., etc.

É necessário tomar nota sobre tudo em nossos estados psicológicos diários, se é que de verdade queremos uma mudança definitiva.

Antes de deitar-se convém que examinemos os fatos ocorridos no dia, as situações embaraçosas, a gargalhada estrondosa de Aristófanes e o sorriso sutil de Sócrates.

Pode ser que ferimos alguém com uma gargalhada, pode ser que enfermamos alguém com um sorriso ou com uma mirada fora de lugar.

Recordemos que em esoterismo puro, bom é tudo o que está em seu

lugar, mau é tudo o que está fora de lugar.

A água em seu lugar é boa, porém se inundar uma casa estaria fora de lugar, causaria danos, seria má e prejudicial.

O fogo na cozinha e dentro de seu lugar, além de ser útil, é bom; fora de seu lugar, queimando os móveis da sala, seria mau e prejudicial.

Qualquer virtude, por santa que seja, em seu lugar é boa, fora de lugar é má e prejudicial. Com as virtudes podemos danar a outros. É indispensável colocar as virtudes em seu lugar correspondente.

Que dirias de um sacerdote que estivesse predicando a palavra do Senhor dentro de um prostíbulo? Que dirias de um varão manso e tolerante que estivesse bendizendo uma quadrilha de assaltantes que intentassem violar a sua mulher e as filhas? Que dirias dessa clase de tolerância levada ao excesso? Que pensarias sobre a atitude caritativa de um homem que em vez de levar comida a casa, repartisse o dinheiro entre os mendicantes do vício? Que opinarias sobre o homem serviçal que em um instante dado emprestasse um punhal a um assassino?

Recordai, querido leitor, que entre as cadências do verso também se esconde o delito. Há muita virtude nos malvados e muita maldade nos virtuosos.

Ainda que pareça incrível dentro do mesmo perfume da plegária também se esconde o delito.

O delito se disfarça de santo, usa as melhores virtudes, apresenta-se como mártir e até oficia nos templos sagrados.

À medida que o sentido da auto-observação íntima se desenvolve em nós mediante o uso contínuo, podemos ir vendo todos esses Eus que servem de fundamento básico a nosso temperamento individual, seja este último sanguíneo ou nervoso, fleumático ou bilioso.

Ainda que você não cria, querido leitor, detrás do temperamento que

possuímos esconde-se entre as mais remotas profundidades de nossa psique as criações diabólicas mais execráveis.

Ver tais criações, observar essas monstruosidades do inferno dentro das quais se acha embotelhada nossa mesmíssima consciência faz-se possível com o desenvolvimento sempre progressivo do sentido da auto-observação íntima.

Enquanto um homem não haja dissolvido essas criações do inferno, essas aberrações de si mesmo, indubitavelmente, no mais fundo, no mais profundo, continuará sendo algo que não deveria existir, uma deformidade, uma abominação.

O mais grave de tudo isso é que o abominável não se dá conta de sua própria abominação; se crê belo, justo, boa pessoa, e até se queixa da incompreensão dos demais, lamenta a ingratidão de seus semelhantes, diz que não lhe entendem, chora afirmando que lhe devem, que lhe pagaram com moeda negra, etc., etc., etc.

O sentido da auto-observação íntima nos permite verificar por si mesmos e de forma direta o trabalho secreto mediante o qual em dado tempo estamos dissolvendo tal ou qual Eu (tal ou qual defeito psicológico), possivelmente descoberto em condições difíceis e quando menos suspeitávamos.

Tu haveis pensado alguma vez na vida sobre o que mais te agrada ou desagrada? Tu haveis reflexionado sobe os recursos secretos da ação? Por que quereis ter uma bela casa? Por que desejais ter um carro do último modelo? Por que quereis estar sempre à última moda? Por que cobiçais não ser cobiçoso? Que é o que mais te ofendeu em um momento dado? Que é o que mais te bajulou ontem? Por que te sentistes superior a fulano ou a fulana de tal, em determinado instante? A que horas te sentistes superior a alguém? Por que te envaidecestes ao relatar teus triunfos? Não pudestes calar quando murmuravam de outra pessoa conhecida? Recebestes a taça de licor por cortesia? Aceitaste fumar talvez

não tendo o vício, possivelmente pelo conceito de educação ou de cortesia? Tu estais seguro de haver sido sincero naquela conversa? E quando te justificas a ti mesmo, e quando te gabas, e quando contas teus triunfos e os relatas repetindo o que antes disseste aos demais, compreendeste que era vaidoso?

O sentido da auto-observação íntima, além de permitir-te ver claramente o Eu que estais dissolvendo, te permitirás também ver os resultados patéticos e definitivos de teu trabalho interior.

Em princípio essas criações do inferno, estas aberrações psíquicas que desgraçadamente te caracterizam, são mais feias e monstruosas que as bestas mais horrendas que existem no fundo dos mares ou nas selvas mais profundas da terra; conforme avanceis em vosso trabalho, podereis evidenciar mediante o sentido da auto-observação interior o fato sobressaliente de que aquelas abominações vão perdendo volume, vão diminuindo…

Resulta interessante saber que tais bestialidades, conforme decrescem de tamanho, conforme pedem volume e se diminuem, ganham em beleza, assumem lentamente a figura infantil; por último se desintegram, convertem-se em poeira cósmica, então a Essência enfrascada libera-se, emancipa-se, desperta.

Indubitavelmente, a mente não pode alterar fundamentalmente nenhum defeito psicológico; obviamente o entendimento pode dar-se o luxo de rotular um defeito com tal ou qual nome, de justificá-lo, de passá-lo de um nível a outro, etc., mas não poderia por si mesmo aniquilá-lo, desintegrá-lo.

Necessitamos urgentemente de um poder flamígero superior à mente, de um poder que seja capaz por si mesmo de reduzir tal ou qual defeito psicológico a mera poeira cósmica.

Afortunadamente, existe em nós esse poder serpentino, esse fogo maravilhoso que os velhos alquimistas medievais batizaram com o nome

misterioso de Stella Maris, a Virgem do Mar, o Azoe da Ciência de Hermes, a Tonantzin do México Asteca, essa derivação do nosso próprio Ser íntimo, Deus Madre em nosso interior simbolizado sempre com a serpente sagrada dos Grandes Mistérios.

Se depois de haver observado e compreendido profundamente tal ou qual defeito psicológico (tal ou qual Eu), suplicamos a nossa Mãe Cósmica particular — pois cada um de nós tem a sua própria — que desintegre, reduza a poeira cósmica este ou aquele defeito, aquele Eu, motivo de nosso trabalho interior, podeis estar seguro de que o mesmo perderá volume e lentamente irá se pulverizando.

Tudo isso implica naturalmente sucessivos trabalhos de fundo, sempre contínuos, pois nenhum Eu pode ser desintegrado jamais instantaneamente. O sentido da auto-observação íntima poderá ver o avanço progressivo do trabalho relacionado com a abominação que nos interesse verdadeiramente desintegrar.

Stella Maris, ainda que pareça incrível, é a assinatura astral da potência sexual humana.

Obviamente Stela Maris tem o poder efetivo para desintegrar as aberrações que em nosso interior psicológico carregamos.

A decapitação de João Batista é algo que nos convida à reflexão. Não seria possível nenhuma mudança psicológica radical se antes não passássemos pela decapitação.

Nosso próprio ser derivado, Tonantzin, StelLa Maris como potência elétrica desconhecida para a humanidade inteira e que se acha latente no fundo mesmo de nossa psique, ostensivelmente goza do poder que permite decapitar qualquer Eu antes da desintegração final.

StelLa Maris é o fogo filosofal que se encontra latente em toda matéria orgânica e inorgânica.

Os impulsos psicológicos podem provocar a ação intensiva de tal fogo e

então a decapitação faz-se possível.

Alguns Eus costumam ser decapitados ao começo do trabalho psicológico, outros no meio e os últimos ao final. Stalla Maris como potência ígnea sexual tem consciência plena do trabalho a realizar e realiza a decapitação no momento oportuno, no instante adequado.

Enquanto não se produziu a desintegração de todas essas abominações psicológicas, de todas essas lascívias, de todas essas maldições, roubo, inveja, adultério secreto ou manifesto, ambição de dinheiro ou de poderes psíquicos, etc., ainda quando nos cremos pessoas honoráveis, cumpridoras da palavras, sinceras, corteses, caritativas, formosas no interior, etc., obviamente não passaremos de ser mais que sepulcros branqueados, formosos por fora mas por dentro cheios de asquerosa podridão.

A erudição livresca, a pseudo-sapiência, a informação completa sobre as sagradas escrituras, sejam estas do oriente ou do ocidente, do norte ou do sul, o pseudo-ocultismo, o pseudo-esoterismo, a absoluta segurança de estar bem documentados, o sectarismo intransigente com pleno convencimento, etc., de nada servem porque em realidade só existe no fundo isso que ignoramos, criações do inferno, maldições, monstruosidades que se escondem atrás da cara bonita, atrás o rosto venerável, sob a roupagem santíssima do líder sagrado, etc.

Temos que ser sinceros conosco mesmos, perguntar-nos que é o que queremos, se viemos ao Ensinamento Gnóstico por mera curiosidade, se de verdade não é passar pela decapitação o que estamos desejando, então nos estamos enganando a nós mesmos, estamos defendendo nossa própria podridão, estamos procedendo hipocritamente.

Nas escolas mais veneráveis da sapiência esotérica e do ocultismo existem muitos equivocados sinceros que de verdade querem auto-realizar-se porém que não estão dedicados à desintegração de suas abominações interiores.

São muitas as pessoas que supõem que mediante boas intenções é possível chegar à santificação. Obviamente enquanto não se trabalhe com intensidade sobre esses Eus que em nosso interior carregamos, eles continuarão existindo sob o fundo da mirada piedosa e da boa conduta.

É chegada a hora de saber que somos uns malvados disfarçados com a túnica da santidade; ovelhas com pele de lobo; canibais vestidos com traje de cavalheiro; verdugos escondidos atrás do signo sagrado da cruz, etc.

Por muito majestosos que apareçamos dentro de nossos templos, ou dentro de nossas aulas de luz e de harmonia, por muito serenos e doces que nos vejam nossos semelhantes, por muito reverendos e humildes que pareçamos, no fundo de nossa psique continuam existindo todas as abominações do inferno e todas as monstruosidades das guerras.

Na psicologia Revolucionária se nos faz evidente a necessidade de uma transformação radical e esta só é possível declarando-nos a nós mesmos uma guerra a morte, desapiedada e cruel.

Certamente nós todos não valemos nada, somo cada um de nós a desgraça da terra, o execrável.

Afortunadamente, João Batista nos ensino o caminho secreto: MORRER EM SI MESMO MEDIANTE A DECAPITAÇÃO PSICOLÓGICA.

Capítulo XXX

O Centro de Gravidade Permanente

Não existindo uma verdadeira individualidade, resulta impossível que haja continuidade de propósitos.

Se não existe o indivíduo psicológico, se em cada um de nós vivem muitas pessoas, se não há sujeito responsável, seria absurdo exigir a alguém continuidade de propósitos.

Bem sabemos que dentro de uma pessoa vivem mutias pessoas, então o sentido pleno da responsabilidade não existe realmente em nós.

O que um Eu determinado afirma em um instante dado, não pode revestir nenhuma seriedade devido ao fato concreto de que qualquer outro Eu pode afirmar exatamente o contrário em qualquer outro momento.

O grave de tudo isso é que muitas pessoas creem possuir o sentido de responsabilidade moral e auto-enganam-se afirmando serem sempre as mesmas.

Há pessoas que em qualquer instante de sua existência vêm aos estudos Gnósticos, resplandecem com a força do anelo, entusiasmam-se com o trabalho esotérico e até juram consagrar a totalidade de sua existência a estas questões.

Inquestionavelmente, todos os irmãos de nosso movimento chegam até a admirar um entusiasta assim.

Não se pode menos que sentir grande alegria ao escutar pessoas dessa classe, tão devotas e definitivamente sinceras.

No entanto, o idílio não dura muito tempo; qualquer dia, devido a tal ou qual motivo justo ou injusto, simples ou complicado, a pessoa retira-se da Gnose, então abandona o trabalho e para endireitar o torto, ou tratando de justificar-se a si mesma, afilia-se a qualquer outra organização mística e pensa que agora vai melhor.

Todo esse ir e vir, todo esse mudar incessante de escolas, seitas, religiões, deve-se à multiplicidade de Eus que em nosso interior lutam entre si por sua própria supremacia.

Como cada Eu possui seu próprio critério, sua própria mente, suas próprias ideias, é simplesmente normal essa mudança de pareceres, esse mariposear constante de organização, de ideal em ideal, etc.

O sujeito em si não é mais que uma máquina que tão logo serve de veículo a um Eu como a outro.

Alguns Eus místicos se auto-enganam; depois de abandonar tal ou qual seita, resolvem crerem-se Deuses, brilham como luzes fátuas e por último desaparecem.

Há pessoas que por um momento assomam-se ao trabalho esotérico e logo no instante em que outro Eu intervém, abandonam definitivamente estes estudos e deixam-se tragar pela vida.

Obviamente, se não se luta contra a vida, esta o devora e são raros os aspirantes que de verdade não se deixam tragar pela vida.

Existindo dentro de nós toda uma multiplicidade de Eus, o centro de gravidade permanente não pode existir.

É simplesmente normal que nem todos os sujeitos auto-realizarem-se intimamente. Bem sabemos que a auto-realização íntima do Ser exige continuidade de propósitos e como é muito difícil encontrar alguém que

tenha um centro de gravidade permanente, então não é estranho que seja muito rara a pessoa que chegue à auto-realização interior profunda.

O normal é que alguém se entusiasme pelo trabalho esotérico e que logo o abandone; o estranho é que alguém não abandone o trabalho e chegue à meta.

Certamente e em nome da verdade, afirmamos que o Sol está fazendo um experimento de laboratório muito complicado e terrivelmente difícil.

Dentro do animal intelectual equivocadamente chamado homem existem germes que convenientemente desenvolvidos podem converter-se em homens solares.

No entanto, não está demais aclarar que não é certo que esses germes desenvolvam-se; o normal é que se degenerem e se percam, lamentavelmente.

Em todo caso, os citados germes que hão de converter-nos em homens solares necessitam de um ambiente adequado, pois bem sabido é que a semente em um meio estéril não germina, perde-se.

Para que a semente real do homem, depositada em nossas glândulas sexuais, possa germinar, necessita-se continuidade de propósitos e corpo físico normal.

Se os cientistas continuarem fazendo ensaios com as glândulas de secreção interna, qualquer possibilidade de desenvolvimento dos mencionados germes poderá se perder.

Ainda que pareça incrível, as formigas passaram já por um processo similar, em um remoto passado arcaico de nosso planeta Terra.

A gente se enche de assombro ao contemplar a perfeição de um palácio de formigas. Não há dúvida que a ordem estabelecida em qualquer formigueiro é formidável.

Aqueles Iniciados que despertaram consciência sabem por experiência mística direta que as formigas, em tempos que nem remotamente suspeitam os historiadores mais grandes do mundo, foram uma raça humana que criou uma poderosíssima civilização socialista.

Então os ditadores daquela família eliminaram as diversas seitas religiosas e o livre-arbítrio, pois tudo isso lhes tomava poder e eles necessitavam ser totalitários no sentido mais completo da palavra.

Nessas condições, eliminada a iniciativa individual e o direito religioso, o animal intelectual precipitou-se pelo caminho da involução e degeneração.

A todo o antes dito acrescentaram-se os experimentos científicos: transplantes de órgãos, glândulas, ensaios com hormônios, etc., etc., etc., cujo resultado foi o apequenamento gradual e a alteração morfológica daqueles organismos humanos até converterem-se por último nas formigas que conhecemos.

Toda aquela civilização, todos esses movimentos relacionados com a ordem social estabelecida, tornaram-se mecânicos e herdaram-se de pais a filhos; hoje a gente se enche de assombro ao ver um formigueiro, mas não podemos menos que lamentar sua falta de inteligência.

Se não trabalhamos sobre nós mesmos, involuímos e degeneramos espantosamente.

O experimento que o Sol está fazendo no laboratório da natureza certamente, além de ser difícil, deu muito poucos resultados.

Criar homens solares só é possível quando existe verdadeira cooperação em cada um de nós.

Não é possível a criação do homem solar se não estabelecemos antes um centro de gravidade permanente em nosso interior.

Como poderíamos ter continuidade de propósitos se não estabelecemos

em nossa psique o centro de gravidade?

Qualquer raça criada pelo Sol certamente não tem outro objetivo na natureza que o de servir aos interesses dessa criação e ao experimento solar.

Se o Sol fracassa em seu experimento, perde todo interesse por uma raça assim e esta de fato fica condenada à destruição e à involução.

Cada uma das raças que existiram sobre a face da Terra serviram para o experimento solar. De cada raça logrou o Sol alguns triunfos, colhendo pequenos grupos de homens solares.

Quando uma raça deu seus frutos, desaparece de forma progressiva ou perece violentamente mediante grandes catástrofes.

A criação de homens solares é possível quando se luta por se independentizar das forças lunares. Não há dúvida de que todos esses Eus que levamos em nossa psique são de tipo exclusivamente lunar.

De modo algum seria possível nos liberar da força lunar se não estabelecermos previamente em nós um centro de gravidade permanente.

Como poderíamos dissolver a totalidade do Eu pluralizado se não temos continuidade de propósitos? De que maneira poderíamos ter continuidade de propósitos sem haver estabelecido previamente em nossa psique um centro de gravidade permanente?

Como a raça atual, em vez de independentizar-se da influência lunar, perdeu todo interesse pela inteligência solar, inquestionavelmente condenou-se a si mesma à involução e degeneração.

Não é possível que o homem verdadeiro surja mediante a mecânica evolutiva. Bem sabemos que a evolução e sua irmã gêmea, a involução, são tão só duas leis que constituem o eixo mecânico de toda a natureza. Evolui-se até certo ponto perfeitamente definido e logo vem o processo involutivo; a toda subida sucede uma descida e vice-versa.

Nós somos exclusivamente máquinas controladas por distintos Eus. Servimos à economia da natureza, não temos uma individualidade definida como supõem equivocadamente muitos pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas.

Necessitamos mudar com urgência máxima a fim de que os germes do homem deem seus frutos.

Só trabalhando sobre si mesmo com verdadeira continuidade de propósitos e sentido completo de responsabilidade moral podemos converter-nos em homens solares. Isto implica consagrar a totalidade de nossa existência ao trabalho esotérico sobre si mesmo.

Aqueles que têm esperança em chegar ao estado solar mediante a mecânica da evolução enganam-se a si mesmos e condenam-se de fato à degeneração involutiva.

No trabalho esotérico não podemos dar-nos o luxo da versatilidade; esses que têm ideias veletas, esses que hoje trabalham sobre sua psique e amanhã deixam-se tragar pela vida, esses que buscam evasivas, justificações para abandonar o trabalho esotérico, degenerarão e involuirão.

Alguns adiam o erro, deixam tudo para um amanhã enquanto melhoram sua situação econômica, sem ter em conta que o experimento solar é algo muito distinto de seu critério e de seus consabidos projetos.

Não é tão fácil converter-se em homem solar quando carregamos a Lua em nosso interior (o Ego é lunar).

A Terra tem duas luas; a segunda destas é chamada Lilith e acha-se um pouco mais distante que a lua branca.

Os astrônomos costumam ver Lilith como uma lentinha, pois é de muito pequeno tamanho. Essa é a lua negra.

As forças mais sinistras do Ego chegam à Terra desde Lilith e produzem resultados psicológicos infra-humanos e bestiais.

Os crimes da imprensa vermelha, os assassinatos mais monstruosos da história, os delitos mais insuspeitos, etc., etc., etc., devem-se às ondas vibratórias de Lilith.

A dupla influência lunar, representada no ser humano mediante o Ego que carrega em seu interior, faz de nós um verdadeiro fracasso.

Se não vemos a urgência de entregar a totalidade de nossa existência ao trabalho sobre si mesmo com o propósito de liberar-nos da dupla força lunar, terminaremos tragados pela Lua, involuindo, degenerando cada vez mais e mais dentro de certos estados que bem poderíamos qualificar de inconscientes e infraconsciente.

O grave de tudo isso é que não possuímos a verdadeira individualidade. Se tivéssemos um centro de gravidade permanente, trabalharíamos de verdade seriamente até lograr o estado solar.

Há tantas desculpas nessas questões, há tantas evasivas, existem tantas atrações fascinantes que de fato costuma fazer-se quase impossível compreender por tal motivo a urgência do trabalho esotérico.

No entanto, a pequena margem que temos de livre-arbítrio e o Ensinamento Gnóstico orientado para o trabalho prático poderiam servir-nos de embasamento para nossos nobres propósitos relacionados com o experimento solar.

A mente veleta não entende o que aqui estamos dizendo; lê este capítulo e posteriormente o esquece; vem depois outro livro e outro, e ao final concluímos afiliando-nos a qualquer instituição que nos venda passaporte para o céu, que nos fale de forma mais otimista, que nos assegure comodidades no mais além.

Assim são as pessoas, meras marionetes controladas por fios invisíveis, bonecos mecânicos com ideias veletas e sem continuidade de propósitos.

Capítulo XXXI

O Trabalho Esotérico Gnóstico

É urgente estudar a Gnose e utilizar as ideias práticas que nesta obra damos para trabalhar seriamente sobre si mesmo.

No entanto, não poderíamos trabalhar sobre si mesmo com a intenção de dissolver tal ou qual "Eu" sem havê-lo observado previamente.

A observação de si mesmo permite que penetre um raio de luz em nosso interior.

Qualquer "Eu" se expressa na cabeça de um modo, no coração de outro modo e no sexo de outro modo.

Necessitamos observar o "Eu" que em um momento dado havemos emboscado; urge vê-lo em cada um desses três centros de nosso organismo.

Na relação com outras pessoas, se estamos alertas e vigilantes como o vigia em época de guerra, nos auto-descobrimos.

Você recorda que horas lhe feriram sua vaidade? Seu orgulho? Que foi o que mais lhe contrariou no dia? Por que teve essa contrariedade? Qual sua causa secreta? Estude isso, observe sua cabeça, coração e sexo…

A vida prática é uma escola maravilhosa; na inter-relação podemos descobrir esses "Eus" que em nosso interior carregamos.

Qualquer contrariedade, qualquer incidente, pode conduzir-nos, mediante a auto-observação íntima, ao descobrimento de um "Eu", seja este de amor-próprio, inveja, ciúmes, ira, cobiça, suspeita, calúnia, luxúria, etc., etc., etc.

Necessitamos conhecermos a si mesmos antes de poder conhecer aos demais. É urgente aprender a ver o ponto de vista alheio.

Se nos colocamos no lugar dos demais, descobrimos que os defeitos psicológico que a outros imputamos, os temos muito abundantes em nosso interior.

Amar o próximo é indispensável, mas não se poderia amar a outros se antes não aprende a colocar-se na posição de outra pessoa no trabalho esotérico.

A crueldade continuará existindo sobre a face da Terra, enquanto não havemos aprendido a nos colocar no lugar de outros.

Mas se não se tem o valor de ver-se a si mesmo, como poderia colocar-se no lugar de outros?

Por que haveríamos de ver exclusivamente a parte má de outras pessoas?

A antipatia mecânica para com outra pessoa que por primeira vez conhecemos indica que não sabemos nos colocar no lugar do próximo, que não amamos o próximo, que temos a consciência demasiado adormecida.

Nos parece muito antipática determinada pessoa? Por que motivo? Talvez bebe? Observemo-nos… Estamos seguros de nossa virtude? Estamos seguros de não carregar em nosso interior o "Eu" da embriaguez?

Melhor seria que, ao ver um bêbado fazendo palhaçadas, disséssemos: "*Este sou, que palhaçadas estou fazendo*".

É você uma mulher honesta e virtuosa e por isso lhe "cai mal" certa

dama, sente antipatia por ela. Por quê? Sente-se muito segura de si mesma? Você crê que dentro de seu interior não tem o "Eu" da luxúria? Pensa que aquela dama desacreditada por seus escândalos e lascívias é perversa? Você está segura de que em seu interior não existe a lascívia e perversidade que você vê nessa mulher?

Melhor seria se auto-observasse intimamente e que em profunda meditação ocupasse o lugar daquela mulher que lhe aborrece.

É urgente valorizar o trabalho esotérico Gnóstico; é indispensável compreendê-lo e apreciá-lo, se é que em realidade anelamos uma mudança radical.

Faz-se indispensável saber amar nossos semelhantes, estudar a Gnose e levar este ensinamento a todas as pessoas, do contrário cairemos no egoísmo.

Se a pessoa se dedica ao trabalho esotérico sobre si mesmo, porém não dá o ensinamento aos demais, seu progresso íntimo se torna muito difícil por falta de amor ao próximo.

"O que dá, recebe, e enquanto mais dê, mais receberá, porém ao que nada dá até o que tem lhe será tirado". Essa é a Lei.

Capítulo XXXII

A Oração no Trabalho

Observação, Juízo e Execução são os três fatores básicos da dissolução. Primeiro: se observa. Segundo: se julga. Terceiro: se executa.

Aos espiões de guerra, primeiro se lhes observa; segundo, se lhes julga; terceiro, se lhes fuzila.

Na inter-relação existe auto-descobrimento e auto-rrevelação. Quem renuncia à convivência com seus semelhantes, renuncia também ao auto-descobrimento.

Qualquer incidente da vida, por insignificante que pareça, indubitavelmente tem como causa um ator íntimo em nós, um agregado psíquico, um "Eu".

O auto-descobrimento é possível quando nos encontramos em estado de alerta-percepção, alerta-novidade.

"Eu" descoberto *in fraganti*, deve ser observado cuidadosamente em nosso cérebro, coração e sexo.

Um Eu qualquer de luxúria poderia manifestar-se no coração como amor, no cérebro como um Ideal, mas, ao prestar atenção ao sexo, sentiríamos certa excitação morbosa inconfundível.

O julgamento de qualquer Eu deve ser definitivo. Necessitamos sentá-lo

no banco dos réus e julgá-lo desapiedadamente.

Qualquer evasiva, justificação, consideração, deve ser eliminada, se é que em verdade queremos fazer-nos conscientes do “Eu” que anelamos extirpar de nossa psique.

Execução é diferente; não seria possível executar um “Eu” qualquer sem havê-lo previamente observado e julgado.

Oração no trabalho psicológico é fundamental para a dissolução. Necessitamos de um poder superior à mente, se é que em realidade desejamos desintegrar tal ou qual “Eu”.

A mente por si mesma nunca poderia desintegrar nenhum “Eu”; isto é irrebatível, irrefutável.

Orar é conversar com Deus. Devemos apelar a Deus Mãe em Nossa Intimidade, se é que em verdade queremos desintegrar “Eus”. Quem não ama sua Mãe, o filho ingrato, fracassará no trabalho sobre si mesmo.

Cada um de nós tem sua Mãe Divina particular, individual. Ela em si mesmo é uma parte de nosso próprio Ser, porém derivado.

Todos os povos antigos adoraram a “Deus Mãe” no mais profundo de nosso Ser. O princípio feminino do Eterno é ÍSIS, MARIA, TONANTZIN, CIBELE, REA, ADONIA, INSOBERTA, etc., etc., etc.

Se no meramente físico temos pai e mãe, no mais fundo de nosso Ser temos também nosso Pai que está em secreto e nossa Divina Mãe KUNDALINI.

Há tantos Pais no Céu quanto homens na terra. Deus Mãe em nossa própria intimidade é o aspecto feminino de nosso Pai que está em secreto.

ELE e ELA são certamente as duas partes superiores de nosso Ser íntimo. Indubitavelmente, ELE e ELA são nosso mesmo Ser Real mais além do “EU” da Psicologia.

ELE se desdobra em ELA e manda, dirige, instrui. ELA elimina os elementos indesejáveis que em nosso interior levamos, à condição de um trabalho contínuo sobre si mesmo.

Quando tivermos morrido radicalmente, quando todos os elementos indesejáveis tiverem sido eliminados depois de muitos trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, nos fusionaremos e nos integraremos com o "PAI-MÃE", então seremos Deuses terrivelmente divinos, mais além do bem e do mal.

Nossa Mãe Divina particular, individual, mediante seus poderes flamígeros, pode reduzir a poeira cósmica qualquer desses tantos "Eus", que haja sido previamente observado e julgado.

De modo algum seria necessária uma fórmula específica para rezar à nossa Mãe Divina interior. Devemos ser muito naturais e simples ao dirigir-nos a ELA. A criança que se dirige à sua mãe nunca tem fórmulas especiais, diz o que sai de seu coração, e isso é tudo.

Nenhum "Eu" se dissolve instantaneamente; nossa Divina Mãe deve trabalhar e até sofrer muitíssimo antes de lograr uma aniquilação de qualquer "Eu".

Tornai-vos introvertidos, dirija vossa plegária para dentro, buscando dentro de vosso interior a vossa Divina Senhora, e com súplicas sinceras podeis falar-lhe. Rogais-lhe que desintegre aquele "Eu" que haveis previamente observado e julgado.

O sentido da auto-observação íntima, conforme vai se desenvolvendo, vos permitirá verificar o avanço progressivo de vosso trabalho.

Compreensão, discernimento, são fundamentais, entretanto necessita-se de algo mais se é que em realidade queremos desintegrar o "MIM MESMO".

A mente pode dar-se o luxo de rotular qualquer defeito, passá-lo de um departamento a outro, exibi-lo, escondê-lo, etc., mas nunca pode-

ria alterá-lo fundamentalmente.

Necessita-se de um “poder especial” superior à mente, de um poder flamígero capaz de reduzir a cinzas qualquer defeito.

STELLA MARIS, nossa Divina Mãe, tem esse poder, pode pulverizar qualquer defeito psicológico.

Nossa Mãe Divina vive em nossa intimidade, mais além do corpo, dos afetos e da mente. Ela é por si mesma um poder ígneo superior à mente.

Nossa Mãe Cósmica particular, individual, possui Sabedoria, Amor e Poder. Nela existe absoluta perfeição.

As boas intenções e a repetição constante das mesmas de nada servem, a nada conduzem.

De nada serviria repetir: “não serei luxurioso”. Os “Eus” da lascívia de todas maneiras continuarão existindo no fundo mesmo de nossa psique.

De nada serviria repetir diariamente: “não terei mais ira”. Os “Eus” da ira continuarão existindo em nossos fundos psicológicos.

De nada serviria dizer diariamente: “não serei mais cobiçoso”. Os “Eus” da cobiça continuarão existindo nos diversos transfundo de nossa psique.

De nada serviria apartar-nos do mundo e encerrar-nos em um convento ou viver em alguma caverna; os “Eus” dentro de nós continuarão existindo.

Alguns anacoretas cavernícola, à base de rigorosas disciplinas, chegaram ao êxtase dos santos e foram levados aos céus, onde viram e ouviram coisas que aos seres humanos não é dado compreender; no entanto, os “Eus” continuaram existindo em seu interior.

Inquestionavelmente, a Essência pode escapar do “Eu” à base de rigorosas disciplinas e gozar do êxtase, porém, depois da dita, retorna ao

interior do “Mim Mesmo”.

Aqueles que se acostumaram ao êxtase, sem haver dissolvido o “Ego”, creem que já alcançaram a liberação, auto-enganam-se crendo-se Mestres e até ingressam à Involução submergida.

Jamais nos pronunciaríamos contra o arrebatamento místico, contra o êxtase e a felicidade da Alma em ausência do EGO.

Só queremos pôr ênfase na necessidade de dissolver “Eus” para lograr a liberação final.

A Essência de qualquer anacoreta disciplinado, acostumado a escapar-se do “Eu”, repete tal façanha depois da morte do corpo físico, goza por um tempo do êxtase e logo volta como o Gênio da lâmpada de Aladim ao interior da botelha, ao Ego, ao Mim Mesmo.

Então não lhe resta mais remédio que retornar a um novo corpo físico, com o propósito de repetir sua vida sobre o tapete da existência.

Muitos místicos que desencarnaram nas cavernas dos Himalaias, na Ásia Central, agora são pessoas vulgares, comuns e correntes neste mundo, apesar de que seus seguidores no entanto lhes adorem e venerem.

Qualquer tentativa de liberação, por grandiosa que seja, se não tem em conta a necessidade de dissolver o Ego, está condenada ao fracasso.

Recomendações

Recomendamos que o leitor estude as seguintes obras do V.M. Samael Aun Weor:

- ⋆ A Grande Rebelião
- ⋆ As Três Montanhas
- ⋆ O Mistério do Áureo Florescer
- ⋆ O Matrimônio Perfeito
- ⋆ Sim, há Inferno, há Carma, há Diabo

Outra recomendação:

- ⋆ A Águia Rebelde, V.M. *Rabolú*